

6.2.1.5.1. Corredor

Um total de 13 formas identificadas – Fig. 64, 65. Fig. 117:1.

QUADRO 26

Cerâmicas recolhidas no Corredor.

Qd	#	O	Fg	Est	Hp	Cnp	Cnmp	Cnpd	Ase	Asi	Cz	Be	Bd	Pf	Dia	Dea	Dbj	Dmx	Espb	Espbj	Espf	Alt
G.8	3	Cr	F	3	2	I	123	12	2	I	I	12	2	0	12	12	0	0	1.4	0	0	0
G.8	6	Cr	F	34C	2	I	123	1	12	2	I	1	2	0	17	17	21	21	0.5	1.1	0	6*
G.8	7	Cr	F	345	2	I	123	1	12	12	2	1	2	0	10.6	10.6	12.7	12.7	0.4	0.6	0	7.2*
G.8	18	Cr	A	45	3	I	123	1	1	2	1	1	2	0	12.4*	12.4*	0	0	0.7	0	0	0
G.8	19	Cr	F	3	2	2	123	12	2	2	2	1	2	0	0	0	0	0	0.4	0	0	0
G.8	21	Cr	F	3	1	I	123	12	2	1	1	1	2	0	17.2	18	0	0	0.9	0	0	0
H.8	7	Cr	F	2	3	I	123	12	1	2	2	1	12	0	11.3	11.3	13.4	13.4	0.4	0.8	0.9	11
H.8	70	Cr	F	3	2	I	123	12	1	1	1	1	3	2	5.6	6.4	0	0	0.5	0	0	0
H.8	72	Cr	F	3	1	I	123	1	2	2	1	1	2	0	12.6	12.6	0	0	0.6	0	0	0
H.8	76	Cr	F	3	2	I	123	12	2	2	2	1	2	0	5.4	5.5	0	0	0.5	0	0	7.3*
H.8	107	Cr	F	34	2	I	123	1	12	2	1	1	2	0	10	10.6	12.5	12.5	0.6	0.7	0	5.2*
H.8	143	Cr	F*	345	2	I	123	1	12	2	1	1	2	0	8	8	8.4	8.4	0.5	0.8	1.1	5*
I.8	91	Cr	F*	34	2	I	123	12	12	2	2	1	2	0	8.8	8.8	10	10	0.6	0.7	0	6*

Anotações

- H.8-72: nas áreas de fractura, são visíveis sinais de fogo intenso.
- H.8-143: trata-se de uma forma que apenas por milímetros entra na categoria das formas fechadas, de onde ser classificada como *taça em calote, fechada*. Como em todos os casos limite, assinala-se a situação.
- I.8-91: raros e pequenos fragmentos de quartzo.
- G.8-21: manchas vermelhas de origem indeterminada na superfície externa.

6.2.1.5.2. Câmara

Um total de 61 formas identificadas, das quais cinco provenientes do presumível «ritual de fundação».

6.2.1.5.2.1. A «fossa de fundação» – Fig. 66.

QUADRO 27

Cerâmicas recolhidas na Câmara, no depósito efectuado na fossa de fundação.

Qd	#	O	Fg	Est	Hp	Cnp	Cnmp	Cnpd	Ase	Asi	Cz	Be	Bd	Dia	Dea	Dbj	Dmx	ESpb	Alt
J.8	707	FF	F	3	2	I	123	2	2	1	1	1	2	19.9	20	0	0	0.9	0
J.8	744	FF	F	3	2	I	123	2	12	12	3	1	2	21.4	21.4	0	0	0.9	0
J.8	763	FF	F	3	2	I	123	2	4	4	2	12	1	21	22	0	0	0.7	0
J.8	764	FF	F	3	1	I	123	12	5	5	1	12	1	3.8	8.4	0	0	0.4	0
J.8	778	FF	F	34	3	I	123	2	0	2	3	12	1	25.6	26	34	34	0.8	26*

Anotações

- J.8-763: visivelmente, ambas superfícies foram alisadas, tendo perdido o seu aspecto original na sequência de fenómenos pós-deposicionais indeterminados.
- J.8-778: a superfície externa, na sequência de fogo intenso, não permite uma correcta leitura sobre o alisamento das superfícies, sendo de crer, no entanto, que corresponde ao do interior, registado como «alisado».

6.2.1.5.2.2. A Câmara – Figs. 67 a 75.

QUADRO 28

Cerâmicas recolhidas na Câmara.

Qd	#	Fg	Est	Hp	Cnp	Cnmp	Cnpd	Ase	Asi	Cz	Be	Bd	Pf	Mm	Cr	Dia	Dea	Dbj	Dmx	Espb	Espbj	Espf	Alt	Af
1.8	9	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	3	0	0	0	13.2	13.2	0	0	0.5	0	0	0	0
1.8	45	A	34	2	I	123	12	1	2	I	13	2	0	0	0	13.7	13.7	0	13.7	1.0	1	0	6.3*	0
1.8	50	A	345	1	I	123	12	4	4	I	7	3	0	0	0	30	33	0	0	1.8	0	0		0
1.8	66	F	34	2	I	123	12	1	1	I	I	3	0	0	0	8.2	9	10.2	10.2	0.5	0.9	0	0	0
1.8	95	A	1	1	12	12*3	1	2	2	I	I	2	0	0	0	11	11	0	11	0.4	0	1.1	5.3	4.2
1.8	114	F	3	1	I	12*3	12	4	4	I	6	3	2*	0	0	5	6	0	0	0.4	0	0	0	0
1.8	138	F	3	2	I	123	1	1	1	2	I	1	2	0	0	6.4	6.4	0	0	0.4	0	0	0	0
1.8	145	F	3	2	I	123	12	2	2	I	6	3	0	0	0	10	11.2	0	0	0.7	0	0	0	0
1.8	153	F	3	2	12	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	8.2	8.2	0	0	0.5	0	0	0	0
1.8	177	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	3	0	0	0	32	32	0	0	0	0	0	0	0
1.8	184	F	34	2	I	123	12	1	1	I	I	3*	0	0	0	5.8	5.8	0	0	0.7	1	0	6.1	0
1.8	185	F	345	2	I	123	12	5	5	4	1	2	0	0	0	14.4	14.4	16	16	0.7	0.8	1.2	8.1	0
1.8	212	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	16.4	16.4	0	0	0.5	0	0	0	0
1.8	221	F	4C	2	I	123	12	2	2	2	0	0	0	0	2*	0	0	16	16	0	1	0	0	0
1.8	224	F	4C	2	I	123	123	2	2	I	0	0	0	0	2*	0	0	20	20	0	7	0	0	0
1.8	225	F	3	2	I	123	1	2	2	I	I	2	0	0	0	12	12	0	0	0	0	0	0	0
1.8	228	F	34	1	I	12*34	12	2	2	2	I	2	0	4*	0	9.2	10.2	10.8	10.8	0.6	0.5	0	0	0
1.8	229	F	3	3	I	12*3	12	4	4	I	I	1	0	0	0	22.2	22.2	0	0	0.6	0	0	0	0
1.8	236	F	3	2	I	123	12	1	1	4	I	2	0	0	0	7.6	7.6	0	0	0.5	0	0	0	0
1.8	291	F	3	2	I	123	12	2	2	2	I	3*	0	0	0	3.8	8	0	0	0.5	0	0	0	0
1.8	305	F	34C	2	I	123	12	2	2	I	I	2	0	0	3	27	27	30	30	0.7	1.5*	0	0	0
1.9	4	F	3	1	I	123	12	1	1	I	I	3	2	0	0	13.6	14	0	0	0.4	0	0	0	0
1.9	7	A	3	1	I	123	12	2	2	2	I	2	0	0	0	10	10	0	10	0.7	0	0	8*	0
1.9	15	F	3	2	I	123	12	2	2	4	I	3	0	0	0	0	0	0	0	0.6	0	0	0	0
1.9	23	F	3	2	I	123	2	4	4	4	I	2	0	0	0	13.4	13.4	0	0	0	0	0	0	0
1.9	29	F	3	2	I	123	12	1	2	I	I	2	0	0	0	8.8	8.8	0	0	0.5	0	0	0	0
1.9	30	F	3	1	I	123	12	1	1	I	I	2	0	0	0	12	12	0	0	0.3	0	0	0	0
1.9	31	A	3	1	I	123	12	4	4	I	I	2	0	0	0	15.6	15.6	15.6	15.6	0.5	0	0	7*	0
J.8	14	F	3	2	I	123	1	2	2	2	I	2	0	0	0	9	9	0	0	0.6	0	0	0	0
J.8	15	F	34	2	12	123	1	4	4	I	I	2	0	0	0	21.2	21.2	0	0	0.5	0.6	0	13*	0
J.8	21	F	34	1	I	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	21	21	0	21	0.5	0.6	0	13.3*	0
J.8	85	F	3	2	I	123	12	2	2	2	I	4	0	0	0	8.4	8.4	0	0	0.5	0	0	0	0
J.8	86	A	3	2	I	123	12	2	2	2	I	3*	0	0	0	11.4	12.6	0	0	0.7	0	0	0	0
J.8	104	F	3	1	2	123	1	4	4	I	I	1	0	0	0	8.2	9	0	0	0.5	0	0	0	0
J.8	113	F	3	3	I	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	8	8	0	0	0.4	0	0	0	0
J.8	199	F	3	12	I	123	12	2	2	4	I	2	0	0	0	9.6	9.6	0	0	0.5	0	0	0	0
J.8	220	I	0	2	I	123	12	4	4	I	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
J.8	349	F	3	2	I	123	12	2	2	3	I	2	0	0	0	16.2	17.6	0	0	0.8	0	0	0	0
J.8	363	A	3	2	12	123	12	1	1	I	I	2	0	0	0	9.4	9.4	0	0	0.7	0	0	0	0
J.8	418	A	3	12	I	123	12	2	2	I	7	3	0	0	0	29.4	32	0	0	1.6				
J.8	432	F	34	2	12	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	7.2	7.2	0	0	0.4	0.8	0	5.5	0
J.8	448	F	4C	1	I	123	12	2	2	I	0	0	0	0	2	0	0	30	30	0	0	0	0	0
J.8	488	F	4C	1	I	123	12	4	4	I	0	0	0	0	4	0	0	30	30	0	1.5	0	0	0
J.8	553	F	34	12	I	123	12	4	4	2	I	2	0	9	0	36.4	38.2	45	45	1.5	0	0	25.4*	0
J.8	607	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	1	0	0	0	14.4	16	0	0	0.8	0	0	0	0
J.8	638	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	2	0	0	0	10.4	10.4	0	0	0.7	0	0	0	0

QUADRO 28 [Cont.]

Cerâmicas recolhidas na Câmara.

Qd	#	Fg	Est	Hp	Cnp	Cnpmp	Cnpd	Ase	Asi	Cz	Be	Bd	Pf	Mm	Cr	Dia	Dea	Dbj	Dmx	Espb	Espbj	Espf	Alt	Af
J.8	639	F	3	I	I	123	I	4	4	I	I	I	o	o	o	14.4	15	o	o	0.4	o	o	o	o
J.8	785	F	4C	2	I	123	12	2	2	4	o	o	o	o	2*	o	o	15.4	15.4	o	0.7	o	o	o
J.8	787	F	3	2	I	123	12	I	2	I	I	I	o	o	o	13	14	o	o	1.0	o	o	o	o
J.9	I	F	3	I	I	123	I	I	4	I	I	2	o	o	o	12.6	12.6	o	o	0.4	o	o	o	o
J.9	4	F	3	2	2	123	12	2	2	I	I	2	o	o	o	14.8	14.8	o	o	0.6	o	o	o	o
J.9	16	F	3	2	I	123	12	I	I	I	I	2	o	o	o	12.2	12.2	o	o	0.6	o	o	7.5*	o
J.9	19	F	3	2	I	123	12	2	2	I	I	2	o	o	o	14	14	o	o	0.5	o	o	o	o
J.9	59	F	34C	I	2	123	I	2	5	I	I	I	o	o	2	12.4	13.2	15.6	15.6	0.5	1.1	o	o	o
J.9	69	F	34C	I	I	123	12	2	2	I	I	2	o	o	I	18	18	20	20	0.6	0.9	o	o	o
J.9	79	F	3	2	I	123	12	5	5	I	I	2	o	o	o	10	10	o	o	o	o	o	o	o
J.9	80	F	3	2	I	123	12	4	4	I	I	2	o	o	o	5	5	o	o	0.3	o	o	o	o
J.9	127	F	3	12	12	123	I	2	2	2	I	2	o	o	o	8.1	8.1	o	o	0.5	o	o	o	o
J.9	130	F	3	2	I	123	12	2	2	3	I	3	o	o	o	17	17	o	o	0.8	o	o	o	o

Anotações

- I.8-9: os componentes não plásticos de quartzo hialino parecem ser todos provenientes do desbaste de cristais para utilização futura como núcleos. Verifica-se assim que vários fragmentos apresentam a transição da base leitosa do cristal no ponto em que foi arrancado do geode para o corpo quase transparente do cristal.
- I.8-95: os componentes não plásticos estão moídos de uma forma intensa e regular, sendo os de quartzo hialino em muito menor número que nas outras cerâmicas observadas. A sua presença é, no entanto, indiscutível.
- I.8-114: associado ao cão. Tal como I.8-228 e -229 ou I.8-95 (a taça associada a Cm-3) caracteriza-se por diferentes componentes não plásticos, sendo o quartzo hialino muito raro, em muito pequenos fragmentos e quase sempre atribuível à base do cristal.
- I.8-221: conserva alisamento interno, muito provavelmente reforçado por aguada.
- I.8-228: componentes não plásticos específicos, sendo os de quartzo hialino quase indetectáveis. O vaso pode ter sido feito a partir de argila de um barreiro diferente. Componentes não plásticos regulares, bem distribuídos e notando-se abundantes traços da perda durante a cozedura de matérias orgânicas. Associado ao esteio Cm-7, poderia tratar-se de cerâmica associada ao momento da reconstrução da Câmara do monumento.
- I.8-229: associado ao esteio Cm-7. Componentes não plásticos de quartzo hialino muito raros.
- I.9-4: perfuração com o diâmetro de 0,26 cm.
- I.9-30: na superfície externa existe um provável negativo de semente.
- I.9-31: na superfície externa, subsistem manchas vermelhas, muito provavelmente de uma aguada com essa cor que foi aplicada ao vaso.
- J.8-86: o alisamento está particularmente bem conservado na parede interna.
- J.8-220: pequeno fragmento de uma parte indeterminada de um vaso decorado, provavelmente da área junto ao bordo. Há a probabilidade de se tratar de uma decoração incisa, grupada logo abaixo da linha de bordo. São visíveis, e bem nítidos, seis sulcos paralelos, irregulares, mais ou menos profundos, e talvez traços de um sétimo. A incisão foi feita com uma pressão irregularmente distribuída ao longo do traçado do sulco, encontrando-se dentro de um mesmo sulco profundidades diferentes. Apesar de ser o único fragmento de cerâmica decorada recolhido em STAM-3, a pasta não apresenta quaisquer alte-

rações significativas em relação aos restantes vasos, sendo inclusivamente de pior qualidade que alguns deles.

- J.8-418: a espessura do bordo corresponde, neste caso, à largura do lábio.
- J.8-553: tecnicamente, poderia ser classificado como um recipiente com bordo espessado, mas, na realidade, o pequeno espessamento registado deriva do aplanamento do bordo e da deslocação de massa deste para o exterior do recipiente.
- J.8-785: tal como outros fragmentos deste sector, este apresenta-se extremamente afectado pelo fogo, numa das suas fracturas. Foi objecto de uma cozedura em meio integralmente reductor, tendo arrefecido em meio oxidante.
- J.9-1: pasta muito homogénea, com componentes não plásticos bem moídos, envolvidos numa argila de grão fino bem triada.
- J.8-15: por poucos milímetros, uma forma fechada. Aguada espessa, parecendo quase engobe.
- J.9-16: bordo convergente (muito ligeiramente exvertido, talvez pelo acabamento da superfície externa).
- J.9-69: apesar de desenhado como uma taça carenada, classificação que se manteve, a pequena dimensão do fragmento impede, como alternativa, que possa ser classificado como vaso de largo bordo invertido, um «vaso lucerna» ou um «vaso tambor». De qualquer forma, a espessura da parede inferior é de 0,4 cm contra o máximo de 0,8 registado para a parede superior, o que é exactamente o inverso do constatado para a maioria das taças carenadas.

6.2.1.5.3. Tumulus

Um total de 11 formas identificadas – Fig. 76.

QUADRO 29

Cerâmicas recolhidas no *Tumulus*.

Qd	#	O	Fg	Est	Hp	Cnp	Cnmp	Cnpd	Ase	Asi	Cz	Be	Bd	Pf	Mm	Cr	Dia	Dea	Dbj	Dmx	Espb	Espbj	Alt	Class
F.10	1	Tm	A	3	3	1	123	12	1	1	1	1	2	0	3	0	11	11	0	11	0,5	0	5,3	Taça mamilada
F.10	2	Tm	A	3	3	1	123	12	1	1	1	1	3	3	3	0	24	24	0	24	0,8	0	7,3	Taça com mamilo alongado 2 x perfurado
D.13	1	Tm	F	3	2	1	123	1	1	1	2	3	2	0	0	0	11,5	11,5	0	0	0,6	0	0	Taça em calote fechada?
E.13	1	Tm	F	3	2	1	1235	2	2	2	1	2	12	0	0	0	15,6	15,6	0	0	0,82	0	0	Troncocónico?
H.9	1	Tm	F	34C	12	2	123	1	2	2	1	0	0	5	3	19*	19*	22	22	0	1	9,5*	Vaso carenado c/ mamilos car	
H.9	2	Tm	F	4C	12	2	123	1	1	1	1	0	0	0	4	4	0	0	6,9	6,9	0	0,9	0	Vaso carenado c/ mamilo car
I.7	2	Tm	F	3	12	1	123	1	1*	5	1	3	3	0	0	0	4,6	4,9	0	0	0,7	0	0	Esférico alto de bordo ligeiramente exvertido
K.10	1	Tm	F	3	12	2	123	1	2	2	1	1	2	0	0	0	8,4	8,4	0	0	0,6	0	8*	Taça em calote fechada
K.10	3	Tm	F	3	2	1	123	12	1	1	1	1	2	0	0	0	4,6	4,9	0	0	0,6	0	0	Vaso esférico fechado?
K.8	2	Tm	F	3	12	1	123	12	2	2	3	2	3	0	0	0	16	16	0	0	0,6	0	0	Pote de colo estrangulado*
SP	15	Tm	F	3	2	1	123	1	1	1	1	5	3	0	0	0	6,4	6,7	0	0	0	0	0	Esférico de bordo ligeiramente exvertido

Anotações

- E.13-1: apesar de se considerar o bordo como *aplanado*, talvez devesse antes usar-se a expressão *ligeiramente aplanado* ou *com bisel simples arredondado*. A expressão mais adequada poderia também ser *ligeiramente exvertido*, uma vez que o plano da superfície interna se interrompe antes do da superfície externa.
- H.9-1: os mamilos apareados estão sobre a carena.
- H.9-2: a classificação como vaso carenado é feita sob reserva, devido à dificuldade em se saber a posição em altura da carena.
- I.7-2: o bordo deve ser considerado como ligeiramente exvertido.
- K.8-2: a presença do quartzo com restos corticais pode ter traduzido o reaproveitamento de restos de talhe, provenientes da preparação do núcleo e que representariam a remoção das superfícies corticais.
- K.10-1: na superfície interna, são visíveis dois traços, correspondentes a negativos de restos de vegetais que arderam durante a cozedura.
- SUP-15: o bordo é delimitado por uma fina depressão, que poderia justificar a classificação de *muito ligeiramente exvertido*.

6.2.1.5.4. Considerações genéricas

Dos 160 fragmentos recolhidos em STAM-3, foi possível identificar a forma de 13 provenientes do Corredor, 61 provenientes da Câmara e 11 provenientes do *Tumulus*, num total de 85 vasos. O que corresponde a 53% do total de unidades de registo.

Numa leitura mais específica, verifica-se que as percentagens das formas recuperadas variam de acordo com as proveniências: 45% no caso do Corredor, 65% no *Tumulus*, 54% na Câmara. Se a percentagem da Câmara se explica pelas duas violações medievais que a atingiram, e que devem ter fragmentado numerosos vasos, e se no *Tumulus* não se esperaria uma situação diferente, devido ao grau de exposição daquela estrutura, e sobretudo por diversos fragmentos serem muito provavelmente provenientes quer da Câmara quer do Corredor, a situação de este último é mais difícil de esclarecer, uma vez que não parecia ter sido profundamente atingido pelas violações mais recentes. Com maior probabilidade, esta situação seria de atribuir à utilização antiga do próprio Corredor, sendo portanto a fragmentação dos vasos que ele continha ainda pré-histórica.

Quanto à forma geral dos recipientes identificados, verifica-se, na globalidade, uma percentagem de 13% de formas abertas para 87% de formas fechadas, o que é compatível com os contextos funerários da primeira metade do III milénio.

Esta distribuição varia também nos dois componentes essenciais do monumento. No Corredor, a percentagem de formas abertas é de 8% e na Câmara de 13%.

O tipo de formas será discutido na terceira parte desta monografia, ainda que se avance que as formas abertas se referem a diferentes tipos com diferentes significados e as fechadas incluem várias taças carenadas, cuja problemática é, como se sabe, específica.

6.2.1.6. As placas de xisto gravadas

(três placas provenientes do Corredor e 19 provenientes da Câmara).

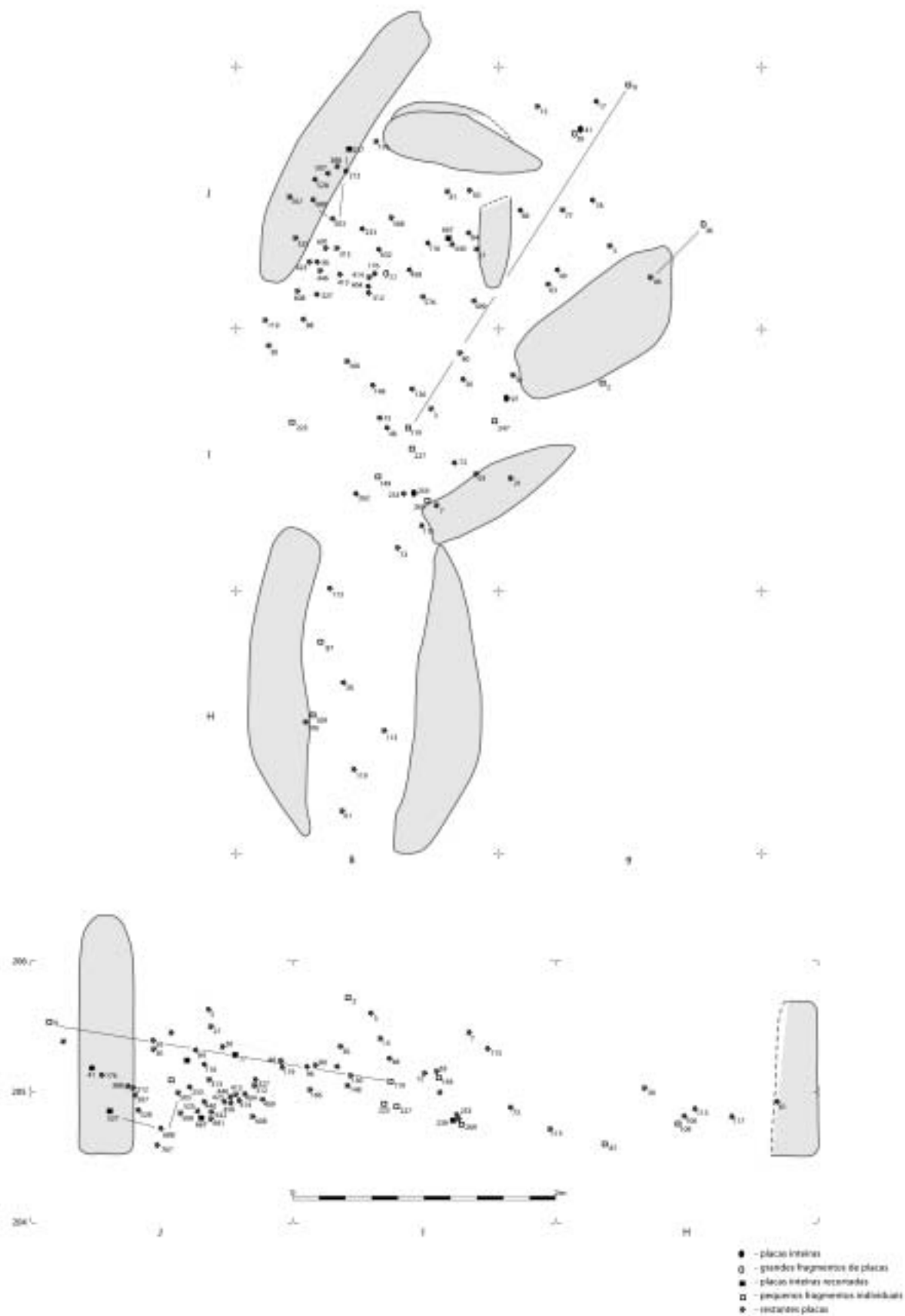



FIG. 77 – Distribuição em planta e perfil das placas de xisto gravadas provenientes de STAM-3 e com registo tridimensional. Escala 1:40. Os traços ligam fragmentos da mesma placa.

6.2.1.6.1. Códigos descritivos adoptados

O lançamento de dois projectos em simultâneo, o do estudo das placas de xisto gravadas da região de Évora e o da revisão do espólio do tholos do Escoural, permitiu avançar decisivamente na definição dos atributos significantes das placas, pelo que os critérios abaixo descritos constituem um primeiro ensaio, muito resumido, do projecto de base de dados actualmente em conclusão.

1. EST: estado, 0 – fragmento indeterminado; 1: inteira ou ligeiramente fragmentada; 2: fragmento do topo (=extremidade distal); P₁=1 perfuração; P₂=2 perfurações; 3: fragmento da área mesial; 4: fragmento da base (=extremidade proximal); 5: fragmento lamelizado do interior da placa; 6: bordo. Números associados, sempre que as situações se conjugam.
2. Md: motivo dominante no corpo da placa. T: triângulos; Z: linhas ziguezagueantes; ZC: linhas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; FZ: faixas ziguezagueantes; FZC: faixas ziguezagueantes com campos verticais de compartimentação; T: traços (este motivo não está confirmado em placas inteiras, tendo sido identificado em fragmentos provenientes da Câmara como J.8-414. Pela sua reduzida dimensão, poderá tratar-se do interior de uma banda vertical preenchida com oblíquas, produzindo num exemplar completo o efeito de linhas ziguezagueantes compartimentadas na vertical); F: figurativo; o: indeterminável (ou por estar ausente da área da placa equivalente ao fragmento ou por este ser proveniente de uma escama interior ou do verso da placa); quando são referidos dois códigos, o primeiro refere-se à face considerada principal, o segundo ao verso.
3. : descrição individualizada.
4. altura (em cm, tomada na vertical, centrada, por alguns autores descrita como «comprimento»): AT – altura total; ACb: altura do campo considerado «a cabeça»; ASC - altura do campo considerado como separador cabeça corpo. Quando este separador se resume a uma linha, o valor é 0; ACr - altura do campo considerado como o «corpo da placa»; ASb - altura do campo considerado terminal da placa (quando este separador não existe, o valor é 0). Lep: largura, em cm, da extremidade proximal (a base da placa); Led: largura da extremidade distal (o topo da placa, medido no ponto de inflexão ou ruptura que define o fim dos bordos). ESP: espessura, em mm, medida no centro da placa. Apesar de uma aparente conflitualidade de critérios, escolhi usar o registo em cm para as medidas maiores e em mm para as menores, procurando obter, neste último caso, uma maior precisão.
5. O sinal * indica sempre uma medida estimada ou impossível de ler integralmente. No caso dos pequenos ou muito pequenos fragmentos descritos em quadro, a sua forma extremamente irregular desencorajou a tomada de medidas outras que a espessura, sempre seguida de um *, quando não corresponde à real espessura da placa, mas apenas à espessura do fragmento, muitas vezes uma simples escama do interior ou de uma das faces da placa.

6.2.1.6.2. Critérios descritivos adoptados

Contrariamente ao que acontece com os artefactos líticos, e até mesmo com os cerâmicos (não decorados), cuja apresentação pode resumir-se a um simples quadro descritivo, com os parâmetros de uma matriz de dados, as placas de xisto gravadas são produtos ideotécnicos que nem sempre correspondem a uma normalização conversível em atributos codificáveis. O que explica o fracasso de todas as tentativas de criar classificações e descritores automatizados para elas.

De acordo com uma máxima aparentemente algo suicida, excepto para os bárbaros fora da lei agora legalizados por uma legislação permissiva e politicamente cobarde, quando um touro carrega sobre nós o melhor é ir ao seu encontro (e saltar-lhe por cima, como faziam os antigos cretenses, nesse domínio muito mais civilizados que alguns poucos de nós). Assim, não usei aqui qualquer matriz para as placas de xisto gravadas de STAM-3, descrevendo-as uma a uma, sempre que o seu estado o permitiu, após observação directa, com lupa binocular e medição de precisão. Algumas situações, que o próprio desenho não conseguiu registar, foram objecto de macro-fotografia.

1. Todas as placas inteiras, ou com fragmentações que não impediavam uma caracterização pormenorizada, foram objecto de descrições individualizadas, após observação com recurso a uma lupa binocular Wild MZ12. As placas cujo estado não permitia um reconhecimento específico (estado 0 ou 5) ficaram restritas ao Quadro geral, colocado após as descrições individuais. Considerada a sua dimensão, geralmente muito reduzida, não foram medidas, à excepção da espessura, mas apenas indicado o motivo dominante, quando identificável. Nas observações, indicou-se a matéria prima, sempre que esta não era o xisto;
2. as medidas foram sempre tomadas com craveira digital e as diferenças nos extremos confirmadas, em caso de dúvida, por lupa binocular;
3. na cabeça das placas que têm faixas assimiláveis às «pinturas» ou «tatuagens» faciais, elas são referidas, em função do centro do topo da placa, como FE e FD, conforme se encontram no lado esquerdo ou direito e de acordo com o seu número, lido de cima para baixo, ou da esquerda para a direita. Assim, FE-2/3 é a segunda faixa das três registadas no lado esquerdo da cabeça de uma placa.
4. os triângulos preenchidos e vazios, em alternância, nunca sugeriram problemas de leitura nas placas «clássicas»: contabilizaram-se sempre os triângulos preenchidos, considerando-se os vazios como o campo sobranete de uma banda desenhada para conter triângulos preenchidos. Porém, no caso da placa recortada J.8-667, a situação justificou a adopção de um outro critério. Apesar disso, mantive a estrutura da perspectiva anterior, considerando como erro de paginação os preenchimentos ou vazios consecutivos e aceitando como intencional a existência de espaços que, apesar de grosseiramente triangulares, marcam efectivamente o princípio e o fim da série de triângulos contida numa banda;
5. as bandas do corpo das placas referem-se numeradas de 1 a n , de cima para baixo e os triângulos que contém numerados da esquerda para a direita com indicação do total contido por banda. Assim B2-3/5 refere o terceiro triângulo da segunda banda, que contém um total de cinco;
6. os campos verticais do corpo das placas definidos por traço vertical, e que normalmente contém bandas ziguezagueantes e, em menor número, traços ziguezagueantes, são numerados de 1 a n , da esquerda para a direita. Assim 2/4 refere a segunda coluna de um campo que tem quatro;
7. no corpo das placas, todas os traços ou ziguezagues são numerados de cima para baixo;
8. mesmo entre os fragmentos de placa de muito reduzida dimensão houve lugar, no caso de alguns que o justificavam, a comentários por vezes algo detalhados e resultantes muitas vezes das observações com ampliação. No fim de cada quadro, reuniram-se as mais extensas de essas observações, que, pela sua dimensão, desarticulariam o quadro;
9. sempre que foi possível colar fragmentos de uma placa, ela é referida sempre, em primeiro lugar, pelo componente que regista uma altimetria mais baixa.

6.2.1.6.3. *A propósito do grau de fragmentação das placas de xisto gravadas*

Uma das observações prévias obrigatórias diz respeito ao grau de fragmentação das placas de xisto gravadas recolhidas em STAM-3 (ver Fig. 119:2).

Com excepção de quatro placas intactas e outra relativamente bem conservada, e de alguns poucos fragmentos de grande dimensão (em relação à placa original considerada como um todo), todas as placas gravadas recolhidas quer na Câmara quer no Corredor são efectivamente fragmentos das placas originais, por vezes minúsculos, não ultrapassando nesses casos os 9 mm² (J.9-9: 3,06 x 2,08 mm), alguns mesmo representando parte do interior das placas, sendo portanto «anepígrafos».

Com efeito, se na maior parte dos casos a fragmentação foi feita na vertical dos planos principais das placas (a «frente» e o «verso»), os fragmentos «anepígrafos», claramente identificados como provenientes do interior das placas, traduzem lamelizações do xisto, de origem politraumática, sequelas da violência quase inaudita de fenómenos pós-deposicionais, provavelmente quer dos pré-históricos quer dos medievais, mas mais provavelmente de estes últimos. Não sendo de excluir responsabilidade contemporânea, visível em algumas situações específicas, mas sempre facilmente detectável como tal.

Estes fenómenos pós-deposicionais não podem ter exclusivamente causa recente, se tomarmos em conta que os blocos de esteios partidos cobriam efectivamente o topo da Câmara, mesmo que esta não aparentasse violações contemporâneas das destruições de 2000.

Deve também dizer-se que, tendo já escavado um número razoável de monumentos megalíticos, nunca encontrei um caso semelhante a este pelo grau de fragmentação, quase pulverização, que atingiu diversas placas.

Também o caso do Corredor justifica menção específica: normalmente, o Corredor de um monumento ortostático cessa rapidamente de ser um lugar de passagem para se transformar num lugar de deposições, quando a Câmara atingiu um grau de ocupação que justifica a interrupção do seu uso inicial. Em ambos casos, as placas surgem inteiras ou ligeiramente fragmentadas. O grau de fragmentação extrema registado em STAM-3 é efectivamente muito raro.

Mais curiosa ainda é a situação da Câmara, onde o grau de fragmentação se repete, ainda mais incompreensivelmente se considerarmos que as deposições funerárias Cm-2 e Cm-3 se encontravam em relativamente muito bom estado. Mesmo o estado de fragmentação dos ossos longos do enterramento Cm-2 não é comparável ao das placas, tornando dificilmente compreensível esta situação.

Tenho procurado, por vezes, justificar a fragmentação das placas recolhidas em monumentos megalíticos pelo facto de se tratar eventualmente de segundas inumações. Neste caso, a primeira deposição, no exterior do monumento, teria sido acompanhada por oferendas votivas que o desenterramento e posterior reinumação desconectaram. Mas, sendo as deposições claramente primeiras inumações, este argumento não colhe, por força de razão, neste contexto específico. As próprias evidências do estudo antropológico conduzido por Eugénia Cunha mostraram tratar-se, em todos os casos, de primeiras inumações, confirmando as suposições de terreno.

Concluindo: não há actualmente nenhuma explicação disponível no campo do evanescente mundo dos símbolos para esta realidade. Ela deve ser atribuída exclusivamente à extrema violência politraumática de mais de uma violação do monumento.

6.2.1.6.4. *As placas do Corredor*

(16 registos, incluindo três placas com identificação firme)

6.2.1.6.4.1. A placa H.8-5 – Figs. 78, 79, 80, 81, 82:1 e 105. Figs. 120 e 121.

De entre as placas do Corredor, sobressai H.8-5, uma placa gravada em ambas faces, reaproveitada por recorte da base, com uma única perfuração bitroncocónica.

Trata-se uma placa de xisto com algumas particularidades, que justificam minuciosa análise descritiva:

- Altura máxima actual (ao centro): 12,4 cm.
- Altura máxima reconstituída: cerca de 16,5, mais provavelmente entre 15 e 16,5 cm.
- Espessura na área mesial: 8,89 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,42 mm.
- Ø da perfuração no verso: 5,46 mm.

Descrição

Face (Fig. 78)

1. gravação geométrica distribuída por uma área de topo, correspondendo à «cabeça» da placa, e à área considerada como o «Corpo»;
2. a cabeça está organizada assimetricamente, desenvolvendo-se nela motivos estruturados em função de uma área triangulóide central, provida no topo de uma perfuração bitroncocónica. Esta área não está vazia, sendo definida, à esquerda, por um traço espesso, simétrico ao que define o espaço à direita. No campo aberto central, e paralelo ao lado esquerdo, desce uma banda paralela, mas irregular, preenchida com oblíquas intersecantes. Ao traço indicador de limite de espaço da direita adossa-se directamente uma outra banda, mais irregular que a primeira e alargando no sentido cima – baixo;
3. o lado exterior esquerdo possui também três bandas, mas o espaço entre a de cima e o limite superior da placa é marcado por um triângulo de vértice para cima, preenchido por oblíquas intersecantes, que se adossa ao traço esquerdo delimitador da cabeça. Ao lado de este, o espaço rectangular é subdividido por um traço oblíquo entre dois triângulos vazios. No da esquerda, foi esboçado um pequeno triângulo de vértice para cima, com preenchimento de oblíquas descendo da esquerda para a direita. A definição de este pequeno triângulo não está completa, sendo que o sulco que o delimita na base, e à direita, é forte e nítido, enquanto o da esquerda é um traço consideravelmente mais superficial e que se interrompe antes do vértice, sendo, no entanto, ainda visíveis alguns segmentos do traçado original;
4. o lado exterior direito da cabeça está decorado com três bandas irregulares, também preenchidas, adossando-se a inferior ao traço delimitador Cabeça – Corpo da placa. Dois segmentos de círculo concêntricos, separados por 0,55 mm, poderiam configurar a representação de um olho. No entanto, o que seria logicamente o seu par não é visível na parte esquerda da cabeça da placa, pelo que talvez pudesse tratar-se de um acidente de gravação ou de um motivo que começou a ser gravado e depois foi abandonado;
5. o corpo tem a parte inferior fragmentada, mas são identificáveis duas bandas largas, que alargam da direita para a esquerda, tal como se tivessem sido traçadas por um esquerdino pouco hábil, preenchidas com seis triângulos a superior. Na de baixo, apenas são hoje visíveis quatro, mas é muito provável que, originalmente, fossem seis. Todos os triângulos têm o vértice para cima e são preenchidos por oblíquas intersecantes. A altura dos triângulos varia na banda superior (B1) entre os 31,08 mm de leitura real do presumido T-7 e os 34,96 de T-5 e os possíveis 36,13 mm de T-2. A base foi recortada, apresentando uma fractura irregular convexa;

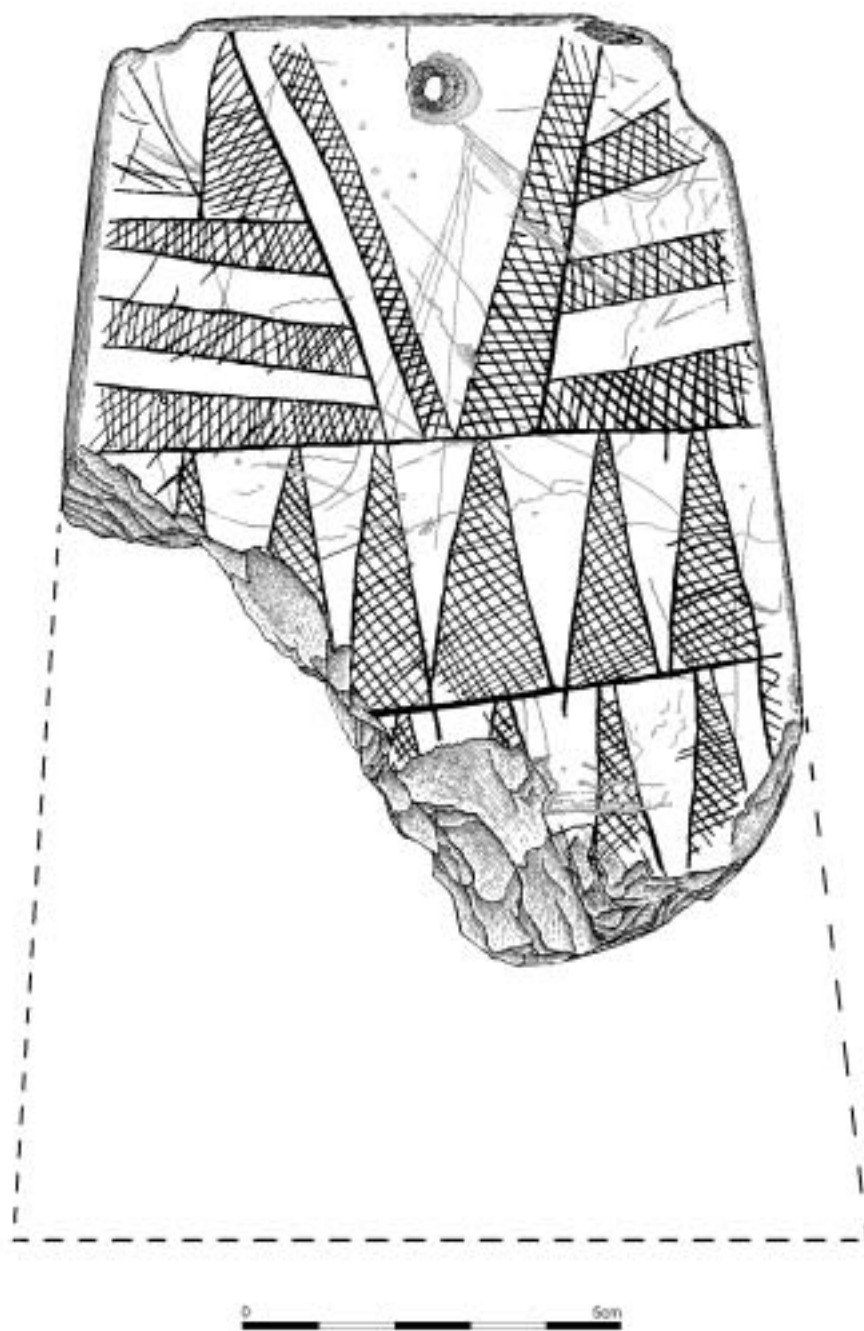


FIG. 78 – Placa H.8-5, face.



FIG. 79 – Placa H.8-5, verso.

Verso (Fig. 79)

1. partindo de um pouco acima da perfuração, reconhece-se um triângulo vazio, de vértice para cima, com o traçado da base ondulante. Dispostos simetricamente, reconhecem-se dois pares de cinco incisões oblíquas, grosseiramente paralelas entre si, descendo dos extremos para o centro. A gravação dos traços faz-se de tal maneira que atinge efectivamente tanto o bordo direito como o esquerdo da placa. Algumas das incisões foram gravadas a traço fino, mas é possível notar diferenças no método de incisão, sendo as mais profundas, naturalmente, sulcos nítidos e as mais superficiais, possivelmente devido ao desgaste do artefacto usado na gravação, apresentam um traçado quase duplo, «desfocado»;
2. na parte inferior esquerda conservada, reconhece-se um motivo escutiforme, subrectangular alongado, de cantos ligeiramente arredondados, preenchido por traços filiformes serpenteantes. A macroobservação mostra que, fora do escudo, existem também alguns filiformes ondulantes, aparecendo alguns com a mesma orientação oblíqua. No canto inferior esquerdo do escudo reconhece-se o que muito provavelmente é um triângulo vazio, de vértice para baixo.

Perfuração

A perfuração aparenta algum desgaste no ponto em que o cordão de suspensão estaria em contacto com o xisto, o que poderia eventualmente indicar um uso em vida do indivíduo. Mas considerando o estado de degradação da matéria prima, não é possível atribuir, com um mínimo de segurança, uma origem antrópica a esta situação, como se sabe, a verificar-se, raríssima. A observação da perfuração no verso parece contradizer a situação presumida numa primeira leitura para a face, apresentando-se sem desgaste.

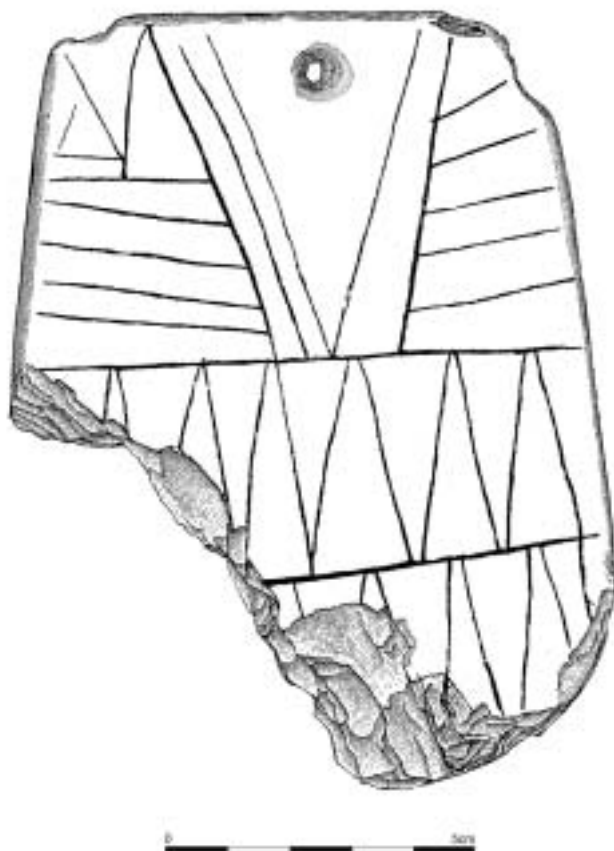


FIG. 80 – Placa H.8-5, paginação estruturante da face.

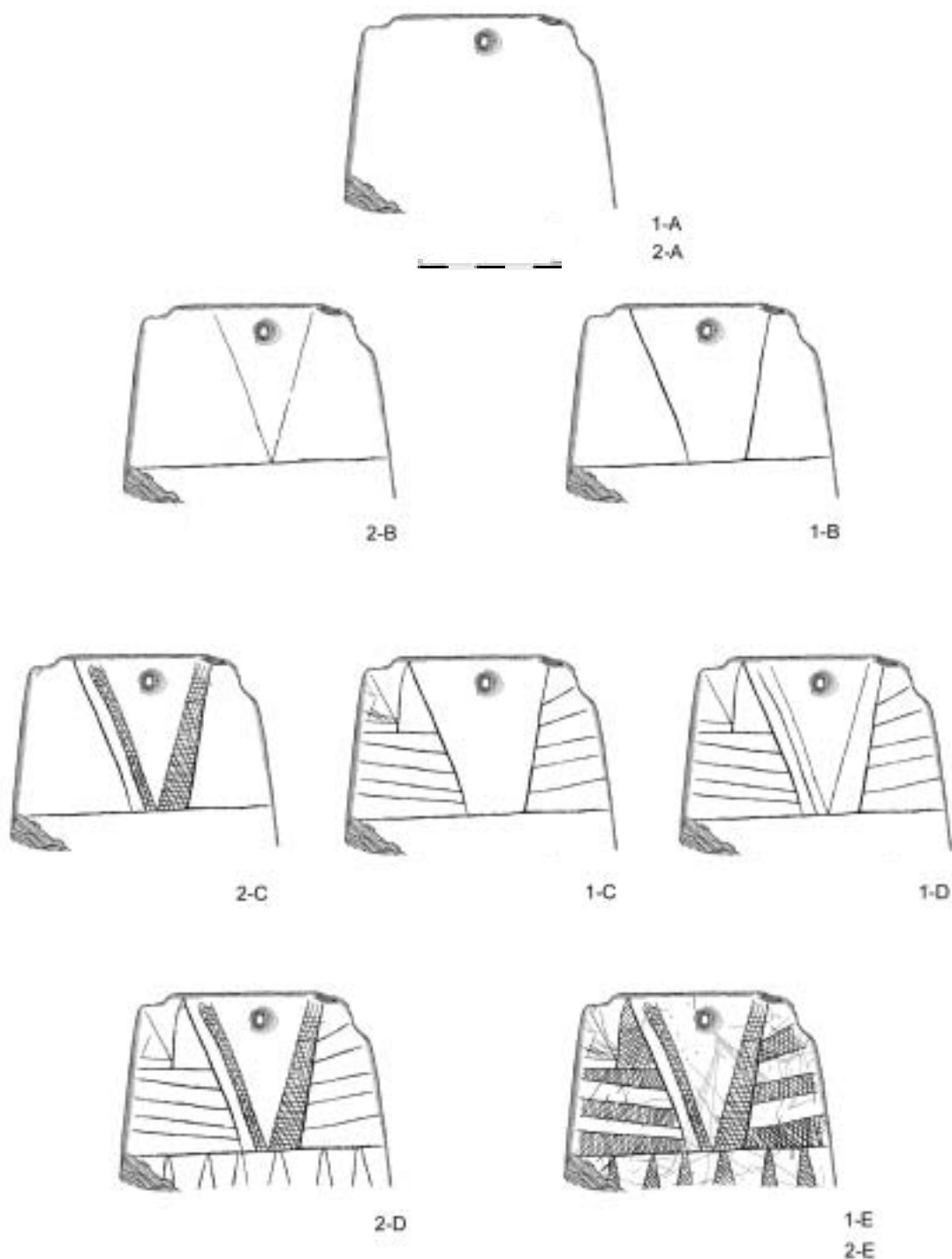


FIG. 81 – Placa H.8-5: propostas de evolução alternativa da paginação e preenchimento sequencial da Cabeça da placa. São propostos dois percursos alternativos para a paginação e preenchimento da cabeça da placa H.8-5 (face). O primeiro percurso, o que me parece melhor fundamentado, parte da placa vazia (1-A) até ao acabamento final (1-E), através de uma paginação de três espaços (1-B), definindo o central, de forma trapezoidal, o ponto de partida para uma paginação sequencial das áreas periféricas, incluindo as faixas ligeiramente oblíquas e os dois triângulos do lado esquerdo (1-C). No sentido de preparar um espaço triangular clássico central, acrescentaram-se duas bandas muito oblíquas a preencher (1-D). O preenchimento dos espaços disponíveis e dos triângulos do corpo (cujo traçado estruturante poderia constituir uma fase 1-D-2) conduziu à forma final (1-E). É esta a minha proposta, uma vez os traços principais da paginação da Cabeça da placa me parecerem assentar na organização conexa dos espaços já previstos para o adossamento das bandas quase horizontais e dos dois triângulos previstos para o lado esquerdo. Mas é admissível um segundo percurso, que me parece menos provável: alternativamente, poderia ter sido traçado um espaço divisório da cabeça com um triângulo invertido marcando o centro e constituindo a “cabeça dentro da cabeça”(2-B). Sequencialmente, foram gravadas as faixas preenchidas muito oblíquas (2-C), depois os campos para preenchimento de faixas e triângulos(2-D) após o que se seguiu o resultado final.

Comentário

Trata-se de uma placa reaproveitada (e «restaurada», por recorte da base fragmentada), a partir de uma placa original com os motivos «clássicos» das placas, gravada de um só lado, mas já com a «síndrome das placas loucas» (a este propósito, ver infra 7.5.5.10. e Gonçalves, 2003a), traduzidos pela assimetria das representações na cabeça, onde se misturam motivos diversos. Na fase inicial, teria uma altura máxima provável de 16,5 cm. Posteriormente, a placa foi recortada na base, reduzida para uma altura de 13 cm, e gravada no verso com símbolos associáveis a uma figuração antropomórfica. O triângulo gravado no topo, e encerrando a perfuração, é similar, ainda que de menores dimensões, ao que serviu para organizar o motivo radiante do verso da placa J.8-667, inclusive no traçado ondulante da base.

O motivo gravado no topo do verso desta placa é passível de duas interpretações alternativas:

1. é assimilável às representações das pinturas ou «tatuagens» faciais da Deusa dos Olhos de Sol. A este propósito, deve ser recordada a placa de Farisoa 1b, com motivos semelhantes e dois olhos, não radiantes (Leisner e Leisner, 1951, Est. XV: 31 e Gonçalves, 1992, Foto. 45, macrofotografia), ainda que a orientação dos pares de traços encurvados seja a oposta de STAM-3;
2. é assimilável às representações de braços convergindo para o ventre, terminados ou não por mãos, presentes em algumas placas de grés ou, geograficamente muito mais longe, no seixo da Parxubeira (Rodríguez Casal, 1988, Fig. 21).

Sobre o motivo escutiforme, não existem, neste momento da pesquisa, paralelos iconológicos conhecidos.

A aparente disjunção dos motivos do verso impossibilita uma interpretação sequencial das fases de gravação. Por outro lado, a idêntica técnica usada na sua gravação pode garantir pertencerem a uma única sequência, tal como a diferente técnica usada para gravar os motivos da face os parece colocar em distintos momentos de gravação, o que me levou a considerar a preparação do verso como um momento muito provavelmente coincidente com o reaproveitamento da placa.

Quanto à face, não existem dúvidas sobre a existência de um único plano de gravação, centrando-se as dúvidas apenas na sequência escolhida pelo gravador. Na Fig. 81, como se viu, procurei estabelecer os itinerários possíveis.

Considero que era indispensável ao gravador paginar as placas com campos horizontais e verticais, bem como planear a orientação e o preenchimento das faixas laterais direitas e esquerdas da Cabeça de este tipo de placas.

Na Fig. 80, mostra-se a estrutura básica da paginação de esta placa, como adiante se procurará fazer no caso de J.8-667. Para a obter, removi do desenho original todos os preenchimentos de motivos ou componentes e isolando assim o que designo por *traços estruturantes*.

Na Fig. 81, são propostos dois itinerários possíveis até à gravação ter atingido o seu momento final, ambos obviamente com as fases zero e última em comum.

A figura lê-se de acordo com os itinerários indicados.

- Em 2, privilegiou-se a construção do conjunto a partir de um triângulo central, posicionado em simetria com o orifício para suspensão. Daí partiriam, para a direita e para a esquerda, as faixas oblíquas, as faixas horizontais e os triângulos. É uma construção lógica, mas não me parece a certa.
- Em 1, o que considero mais provável, privilegiou-se a construção do conjunto a partir de um trapézio centrado, do qual partiriam imediatamente as faixas horizontais.

A paginação da Cabeça de H.8-5, independentemente da sua complexidade, que justificou assim a discussão das várias leituras consideradas possíveis aquando da sua descrição (ver supra), baseia-se num princípio simples e numa questão ainda mais simples: se existe um plano inicial de concepção, que contém obrigatoriamente as faixas horizontais e os triângulos que desequilibram a simetria, é a sua delimitação que conta. Assim sendo, os acrescentos oblíquos (a faixa isolada e a que se adossa à área direita) são obrigatoriamente secundários, logo posteriores no processo de gravação).

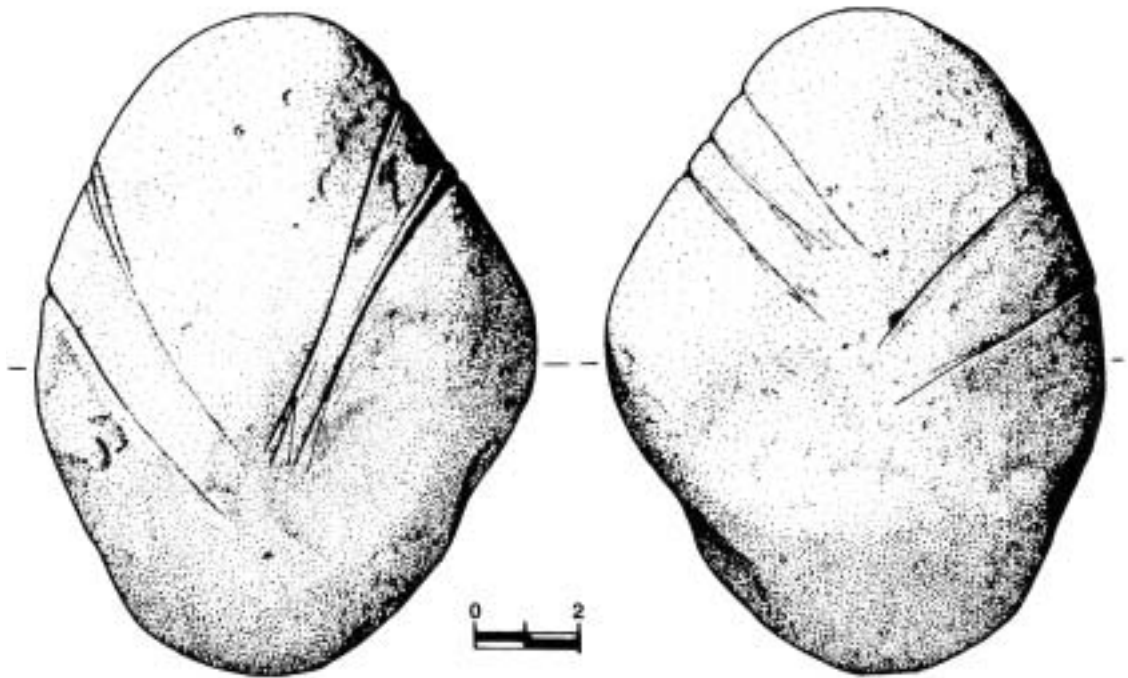
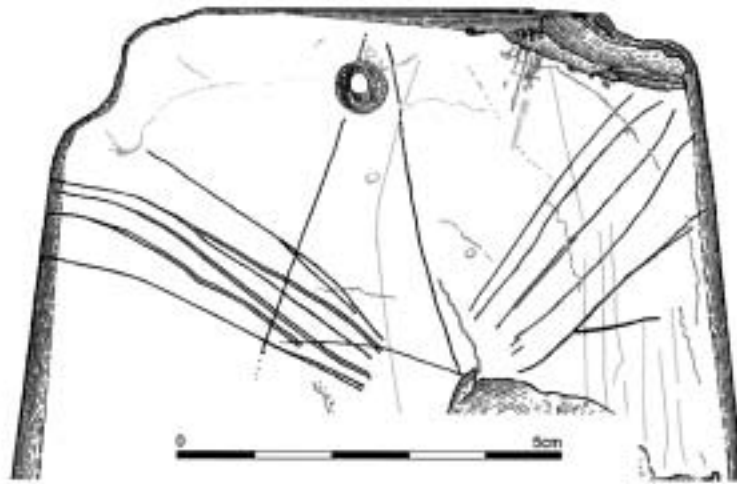


FIG. 82 – Traços convergentes no verso de H.8 5 e imagem similar, sobre seixo, da Parxubeira (este último, segundo Rodríguez Casal, 1988, Fig. 21).

Uma situação comum às possibilidades analisadas reside na previsão inicial da gravação, no lado esquerdo da Cabeça da placa dos triângulos, que acentuam deliberadamente a sintomatologia do desequilíbrio e ruptura do conceito de simetria estruturante que designei muito recentemente como a «Síndrome das placas loucas» (Ver adiante, 7.5.5.10., e Gonçalves 2003a). Não é possível qualquer dúvida sobre a intencionalidade da inserção posterior dos dois triângulos, uma vez que as três faixas horizontais do lado esquerdo são construídas assimetricamente às do lado direito *justamente para eles ganharem espaço para aí serem gravados*. A «Síndrome das placas loucas» não tem que ver com gravações de segunda fase nas placas, é um evidente resultado de um planeamento específico. E esta placa é disso uma das provas disponíveis.

6.2.1.6.4.2. A placa H.8-87 – Fig. 83:1. Fig. 119:2.
Área distal de uma placa com perfuração central.

- Largura no topo: 5,4* cm.
- Espessura na área central: 7,98 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,31 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,36 mm.

No lado direito, é ainda visível o que é certamente uma das bandas delimitadoras da cabeça, ligeiramente encurvada e preenchida por oblíquas intersecantes. A fragmentação de este lado impede a identificação das habituais bandas equivalentes às pinturas faciais ou tatuagens da Deusa, se é que existiram neste exemplar, o que pela sua tipologia é duvidoso. Poderia talvez aceitar-se como interpretação alternativa que não se trataria de uma banda delimitadora, mas de um conjunto de bandas encurvadas partindo do topo da placa para o separador cabeça/corpo, mas não o podemos afirmar com certeza. Do troço conservado da banda delimitadora, não partem quaisquer outros componentes. Do lado esquerdo, a placa fracturou-se, em escama, justamente pelo traço interno da banda delimitadora esquerda.

Assim, o correspondente do lado esquerdo foi suprimido pelas fracturas que o artefacto sofreu. Desta pequena placa, está presente parte do bordo topo original e do bordo direito.

6.2.1.6.4.3. A placa H.8-109 – Fig. 83:2. Fig. 119:3.

Pequeno fragmento do topo direito de uma placa finíssima (espessura: 2,53 mm), com bandas preenchidas, encurvadas, de que se reconhecem duas, a melhor conservada das quais estreitando de baixo para cima. Conserva-se o extremo direito do topo e o bordo direito à altura máxima do fragmento. Entre as duas bandas encurvadas, que convergem para o centro do topo da placa, vêm-se 5 traços de comprimento desigual e um outro mais abaixo. São obviamente resultado de fenómenos pós-deposicionais. A banda integralmente conservada tem uma altura de 11,21 mm. Não se encontraram nas placas de xisto gravadas de Reguengos de Monsaraz paralelos para este motivo. No entanto, a cabeça de um báculo proveniente de OP-1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXVI: 2) apresenta exactamente os mesmos motivos. De aqui a afirmar-se que se trata de um fragmento de báculo poderia ser um passo simples, ainda que as dimensões do fragmento limitem interpretações de este tipo, no entanto de registo obrigatório.

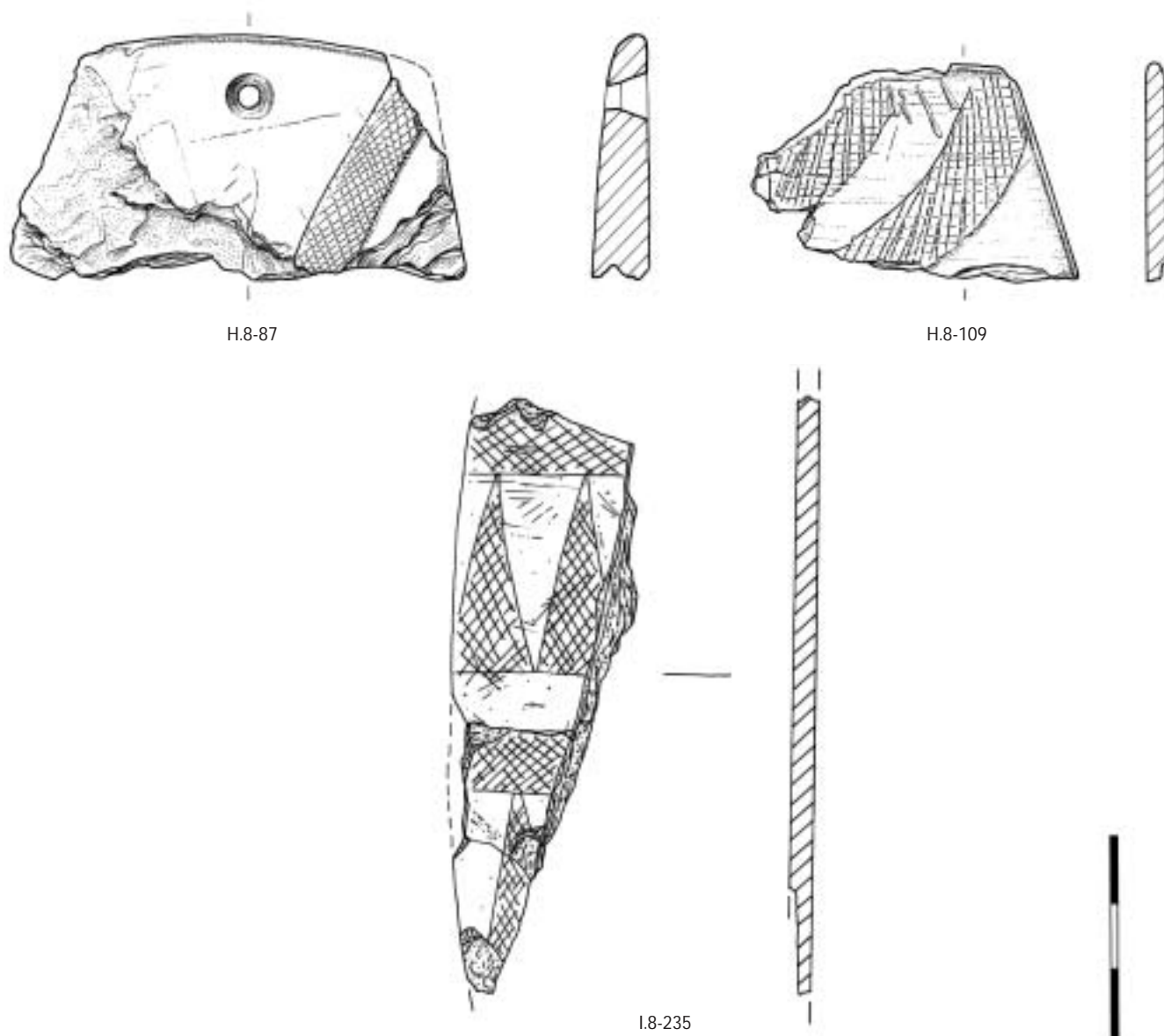


FIG. 83 – Placas H.8-87, H.8-109 e I.8-235.

6.2.1.6.4.4. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor, descritas sumariamente

QUADRO 30

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
H.8	2	2E6	F	2,73*	Revolvimento <i>Tumulus</i> . Topo esquerdo de placa com bandas oblíquas na cabeça
H.8	4	06	o	2,42*	Revolvimento <i>Tumulus</i> . Frag. liso bordo
H.8	16	o	F,T?	1,35*	Crivo. 2 muito pequenos frags.
H.8	31	o	F,T?	0,69*	Crivo, muito pequeno fragmento: 8,36 x 4,41 mm
H.8	61	06	o	1,21*	Bordo, escama do verso da placa
H.8	106	o	FT	4,11*	2? frag.s de topo? Pequena banda preenchida. Possível triângulo abaixo da banda lisa. Inclui muito provavelmente resto da separação linear Cabeça/Corpo

QUADRO 30 [Cont.]

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Corredor.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
H.8	113	o	F,T?	1,72*	
H.8	117	o	o	1,33*	Sem gravação visível. Lasca interior. Muito rolado. Serpentinito?
H.8	135	o	o	0,72*	Crivo, muito pequeno frag.
H.8	136	o	o	1,91*	
H.8	138	o	o	1,92*	Sem gravação visível. Lasca interior
I.8	73	o6	T?	1,68*o	
I.8	113	o6	F,T?	1,71*	

6.2.1.6.5. As placas da Câmara

(103 registos, incluindo 19 placas identificáveis).

6.2.1.6.5.1. A placa I.8-119 (+ J.9-9) – Fig. 84:1. Fig. 122:1.

Dois pequenos fragmentos, cuja dimensão não permite reconstituir o tipo de placa. Reconhece-se uma banda recta, preenchida por oblíquas intersecantes e, acima e abaixo, triângulos preenchidos com o vértice supostamente para cima. Creio tratar-se de parte da área proximal da placa, mas não é possível afirmá-lo com segurança. A banda preenchida por oblíquas intersecantes tem um diâmetro médio de 9,36 mm. A placa está partida de tal forma que não é possível uma leitura, mesmo aproximada, da espessura.

6.2.1.6.5.2. A placa I.8-155 (+ I.8-149) – Fig. 84:2. Fig. 122:2.

Dois pequenos fragmentos da base de uma placa com triângulos preenchidos, com o vértice para cima. Espessura na base: 5,15 mm. O fragmento conserva parte da base. Observa-se na separação entre a penúltima e a última banda de triângulos alguns interessantes pormenores de gravação. Assim, os triângulos da última banda cortam a linha horizontal delimitadora mostrando que esta foi gravada antes deles. No traço separador encontram-se regularmente numerosos pontos de impacto no seu traçado interno superior. Trata-se certamente do embate de um utensílio de gravação quando este traçava o preenchimento dos triângulos de cima.

Supostamente, I.8-155 poderia eventualmente ter feito parte da mesma placa que J.9-8. No entanto, apesar de formalmente os motivos serem muito semelhantes, a altura da banda inferior de triângulos de J.9-8 é de 29,41 mm e de I.8-155 de 22,95, pelo que a hipótese parece de afastar. Deve, porém, chamar-se a atenção para a similitude da técnica usada. Em ambos casos foi usado um utensílio para gravação não excessivamente afiado, produzindo sulcos acanalados.

6.2.1.6.5.3. A placa I.8-223 – Fig. 84:3. Fig. 122:4

Topo de placa espessa (10,45 mm na secção central do fragmento), com uma perfuração troncocónica centrada.

- Largura no topo: 7,5* cm.
- Ø da perfuração na face: 6,13 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,79 mm.

A cabeça da placa, pelo que se pode deduzir do fragmento, seria constituída supostamente por pares simétricos de três bandas oblíquas, preenchidas por intersecantes regulares, descendo

em convergência do topo até à junção Cabeça – Corpo, que não é visível no fragmento. A primeira banda a contar da esquerda adossa-se ao bordo da placa, pelo que deve ter consistido num espaço delimitador extremo (a este respeito ver a discussão em torno à placa J.8-667). As bandas têm larguras diferentes: no par interno, a banda da esquerda arranca com uma largura de 7,9 e a da direita com 10,90 mm. A placa conserva parte do bordo de topo e, no fragmento, metade do bordo esquerdo.

O triângulo central, correspondendo à cabeça da placa, não está centrado, registando a banda da esquerda um ângulo mais oblíquo que a da direita.

O verso apresenta numerosos traços atribuíveis a polimento, sendo dois deles quase rigorosamente paralelos e demasiado regulares para serem ocasionais. As dúvidas sobre as origens de estes microvestígios mantêm-se, apesar da interpretação geral, relacionando-os com o polimento, ser aparentemente convincente. Também no verso, o topo direito apresenta uma série regular de incisões, que vão do bordo direito até cerca de metade da distância à perfuração, demasiado profundas para serem traços de polimento e demasiado regulares para serem ocasionais. Observam-se também traços produzindo caneluras largas, resultantes do polimento específico do verso do topo da placa. Sensivelmente a meio da distância entre a perfuração central e o bordo esquerdo, observam-se mais incisões oblíquas, em menor número, mas semelhantes às já descritas para o lado direito.

6.2.1.6.5.4. A placa I.8-227 – Fig. 84:4. Fig. 122:5.

Fragmento da extremidade proximal direita de uma placa espessa, com triângulos preenchidos. Fortemente boleada, particularmente no bordo direito. Espessura máxima: 10,11 mm. Na parte mais próxima do centro da placa, a banda preenchida com triângulos com vértice para cima mede 3,88 cm. Os triângulos estão inclinados para a esquerda e, tal como a linha separadora, estão finamente gravados. Os traços de polimento entrecruzam-se de tal modo nos triângulos vazios que podiam eventualmente sugerir uma decoração filiforme, o que modo nenhum me parece ser o caso. Aparentemente, os triângulos da segunda banda a contar de baixo não mantêm exactamente a mesma inclinação, não estando aparentemente tão orientados à esquerda. Pela imagem que se pode obter dos triângulos da banda inferior, dir-se-ia que eles se inserem numa figura pré-traçada com a forma de um rectângulo na vertical, dividido em duas partes, a da esquerda sendo o triângulo a preencher.

6.2.1.6.5.5. A placa I.8-235+I.8-148 – Fig. 83:3. Fig. 122:3.

Admitiu-se inicialmente que esta placa pudesse fazer parte de I.8-119+J.9-9, mas a cor do xisto, uma vez lavados os fragmentos, afastou definitivamente essa hipótese, tal como a verificação de espessuras diferentes. O que a tinha fundamentado, aliás, à partida, era a rara associação dos triângulos alongados separados por bandas vazias e preenchidas, comum a ambas placas.

As únicas medidas possíveis para I.8-235 são a espessura (3,27 mm) e as alturas da sequência banda preenchida (10,91* mm), banda de triângulos com os vértices para cima (30,66 mm, num ponto médio), banda vazia (9,21 mm), banda preenchida (9,20 mm), sendo a primeira de todas feita sob reserva. A dimensão de um dos triângulos, o da extrema esquerda, é, para a base, 10,91 mm e a altura de 30,73. No entanto, como se trata de um triângulo de início de banda, e tal como acontece como os de fim de banda, a dimensão da sua base pode ser ligeiramente inferior aos segundo e penúltimo triângulos.

O fragmento I.8-235 e os dois fragmentos I.8-148 colam em sequência vertical e pertencem ao lado esquerdo da área mesial da placa, que justifica, assim, individualização.

6.2.1.6.5.6. A placa I.8-247, báculo ou placa de xisto gravada? – Fig. 84:5. Fig. 122:6.

Descrição

Fragmento de placa, pertencente à área distal esquerda de um exemplar pouco comum e com dimensões irrecuperáveis, devido ao grau de fragmentação. No fragmento, a espessura varia entre 6,74 (no bordo esquerdo) e 8,72 mm (na linha de fractura, que deveria corresponder sensivelmente ao meio da placa).

A placa teria um triângulo de vértice para baixo, vazio, representando «a cabeça dentro da cabeça», e uma decoração que deveria ser totalmente envolvente, definida por linhas verticais, criando campos preenchidos por linhas incisivas oblíquas, com um afastamento médio de 3,07 mm num ponto de traçado regular, que, ao juntarem-se no extremo com as da banda vizinha, se transformam em linhas ziguezagueantes, com o ritmo geral, a partir do bordo esquerdo da placa, baixo para cima “cima para baixo” baixo para cima. Pelo que temos, na realidade, linhas ziguezagueantes incisivas, em termos estritos mais uma ilusão que uma realidade, como veremos. Estas são, porém, menos profundas que as linhas verticais que as delimitam e nem sempre correspondem exactamente na banda 1 e na 2, sendo visível que elas foram gravadas uma de cada vez, sendo o efeito em ziguezague um produto final e não o resultado de uma gravação horizontal ziguezagueante de um dos lados da placa até ao outro. Apesar de haver desacerto no ponto de convergência de algumas linhas oblíquas, muitas delas convergem efectivamente.

No fragmento, conserva-se a parte inferior do triângulo e dois campos verticais permitem leitura integral (o restante está interrompido pela linha de fractura, sendo também cortado pelo triângulo de topo). As bandas 1 e 2 têm uma largura respectivamente de 18,12 e 18,6 mm na base conservada, mas a banda 2 é mais irregular e o traço desvia-se, alargando ligeiramente na linha comum com a banda 3. A banda 3 mediria provavelmente 14,25 mm (lidos até ao vértice do triângulo). A banda 2 é cortada pelo triângulo, mas a observação ampliada mostra que foi efectivamente traçada e preenchida já com o triângulo de topo gravado, uma vez que os traços oblíquos não agridem o sulco original, ainda que abram a sua parede esquerda.

A observação detalhada, usando uma lupa binocular, evidenciou traços cruzados de polimento, impossíveis de confundir com traços intencionalmente incisivos, produzindo um efeito quadriculado. Numa gama de aumentos média, observa-se claramente que estes microvestígios de polimento são cortados pela decoração incisiva na placa, naturalmente muito mais profunda que eles, e nitidamente posterior. O uso de luz rasante mais uma vez confirmou não se tratar de filiformes, mas efectivamente de traços de polimento da placa, ainda que a sua regularidade justifique reflexão e talvez alguma prudência nesta leitura.

Comentário

Ainda que se reserve a discussão pormenorizada de esta questão, talvez ampliada um pouco excessivamente, para a terceira parte de este trabalho, no ponto sobre as placas de xisto gravadas da Câmara de STAM-3, enumeram-se desde já as coordenadas da questão:

1. o artefacto ideotécnico I.8-247 tanto poderia ser o topo esquerdo de uma placa...
2. como um fragmento de um cabo de báculo;
3. contra ser uma placa, ocorre apenas a decoração, relativamente rara;
4. a favor, os vestígios do triângulo que representa, em placas mais convencionais, a «cabeça dentro de cabeça»;
5. a favor de ser um báculo, o facto de os cabos de báculo terem por vezes decorações menos comuns;

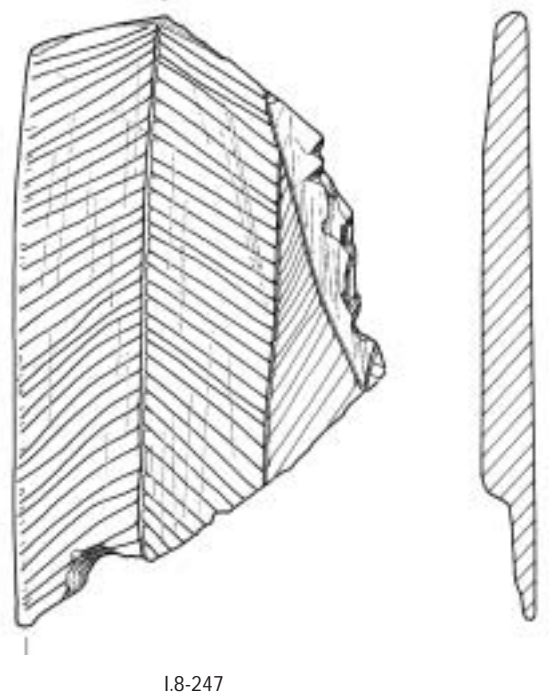
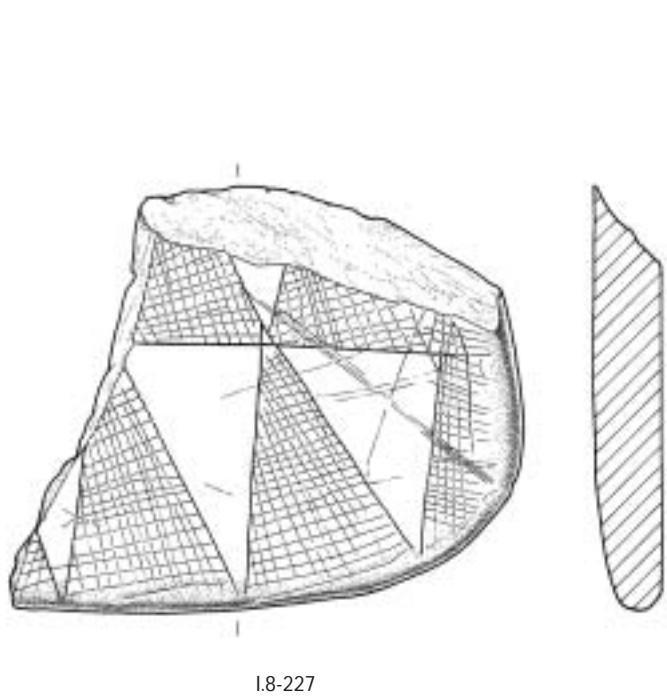
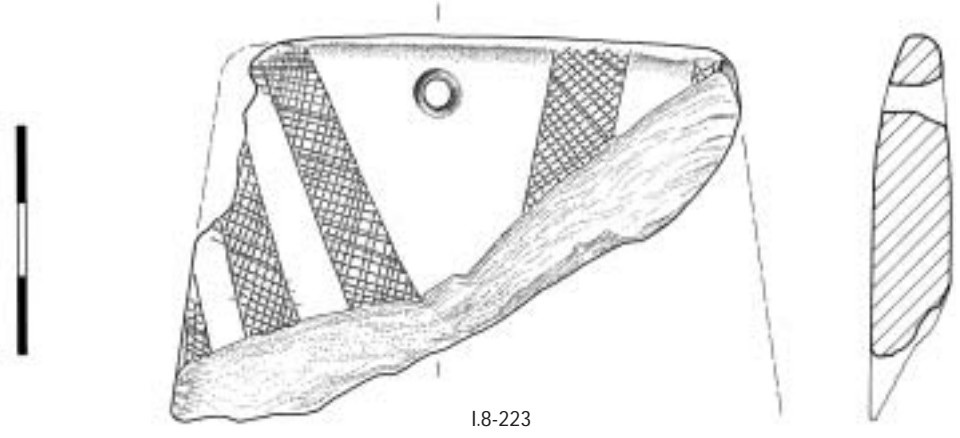
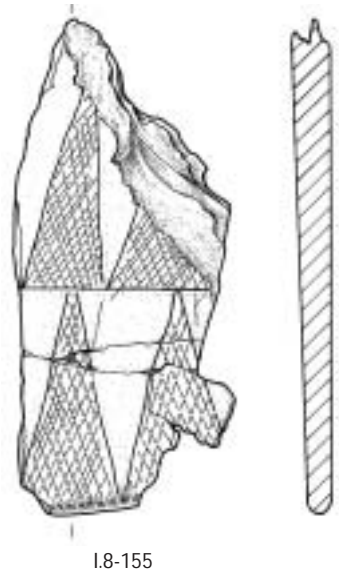
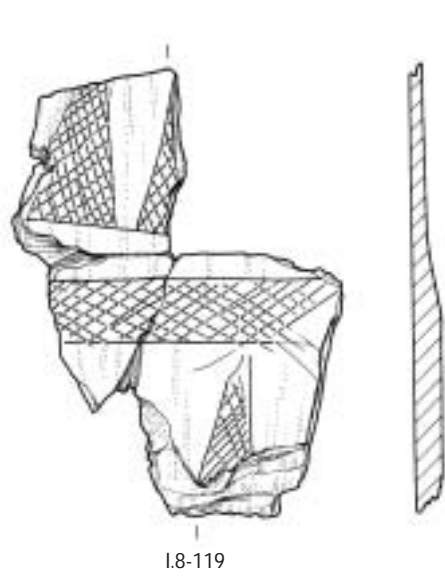


FIG. 84 – As placas 1.8-119 (1); 1.8-155 (2); 1.8-223 (3); 1.8-227 (4); 1.8-247 (5).

6. contra esta última possibilidade, a paginação específica da decoração, mas sobretudo as variações da espessura, mais frequentes em placas que em báculos;
7. analisados todos os ângulos possíveis da questão, penso tratar-se efectivamente de uma placa de xisto gravada, com um tipo de decoração do Corpo generalizada a toda a placa, mas conservando o triângulo identificador habitualmente presente na parte superior das placas.

6.2.1.6.5.7. *A placa I.8-259 – Fig. 85:1. Fig. 123:1.*

Placa com uma única perfuração bicónica no topo.

- Altura máxima (ao centro): 14,2 cm.
- Altura da cabeça: 3,3 cm.
- Altura do corpo: 9,8 cm.
- Altura da delimitação da base: 1,1 cm.
- Altura da banda 1: 3,3 cm.
- Banda 2: 3,4 cm.
- Banda 3: 3,3 cm.
- Largura no topo: 7,1 cm.
- Largura na base: 8,4 (falta um muito pequeno fragmento no canto inferior direito e outro, em escama, no topo superior direito).
- Espessura na área mesial: 10,12 mm.
- Ø da perfuração na face: 12,64 mm.
- Ø da perfuração no verso: 5,79 mm.

Organizada de acordo com três campos: Cabeça, Corpo e Área delimitadora final. A cabeça apresenta uma grande perfuração central, obtida por movimento rotativo, que produziu estriações concêntricas típicas. De cada lado da área central da cabeça, marcada por incisões finas, distinguem-se três bandas preenchidas. O corpo está organizado em três bandas, cada qual ocupada por cinco triângulos preenchidos, com os vértices para cima, sendo os extremos iniciais e finais, correspondendo aos triângulos 1 e 5, sempre ocupados por triângulos incompletos. A linha separadora de F2 e F3 apresenta-se na parte central e direita do seu traçado como uma pequena linha dupla, certamente por erro de gravação, com um afastamento máximo de 1,58 mm. A banda terminal, muito mais estreita, é ocupada por 10 pequenos triângulos preenchidos, também com o vértice para cima.

6.2.1.6.5.8. *A placa I.8-269 (+I.8-2) – Fig. 85:2. Fig. 123:2.*

Os dois fragmentos colados evidenciam parte do corpo da placa com uma espessura média de 3,97 mm, onde são visíveis três bandas com triângulos de vértice para cima, preenchidos. Na banda central do fragmento, com uma altura de 28,98 mm, contam-se seis triângulos mais um, incompleto, ou, mais provavelmente, um preenchimento terminal da fila. De qualquer modo, a banda não é completamente regular, oscilando a sua altura entre 31,25 mm, no bordo esquerdo do fragmento, e os 26,61 mm, mensuráveis no extremo oposto. Na banda central, a única onde são visíveis os dois bordos da placa, há parte de um triângulo gravado para manter o ritmo da placa.

Placa executada com intenso polimento das superfícies, que quase não deixou traços, e gravada com instrumento particularmente afiado.

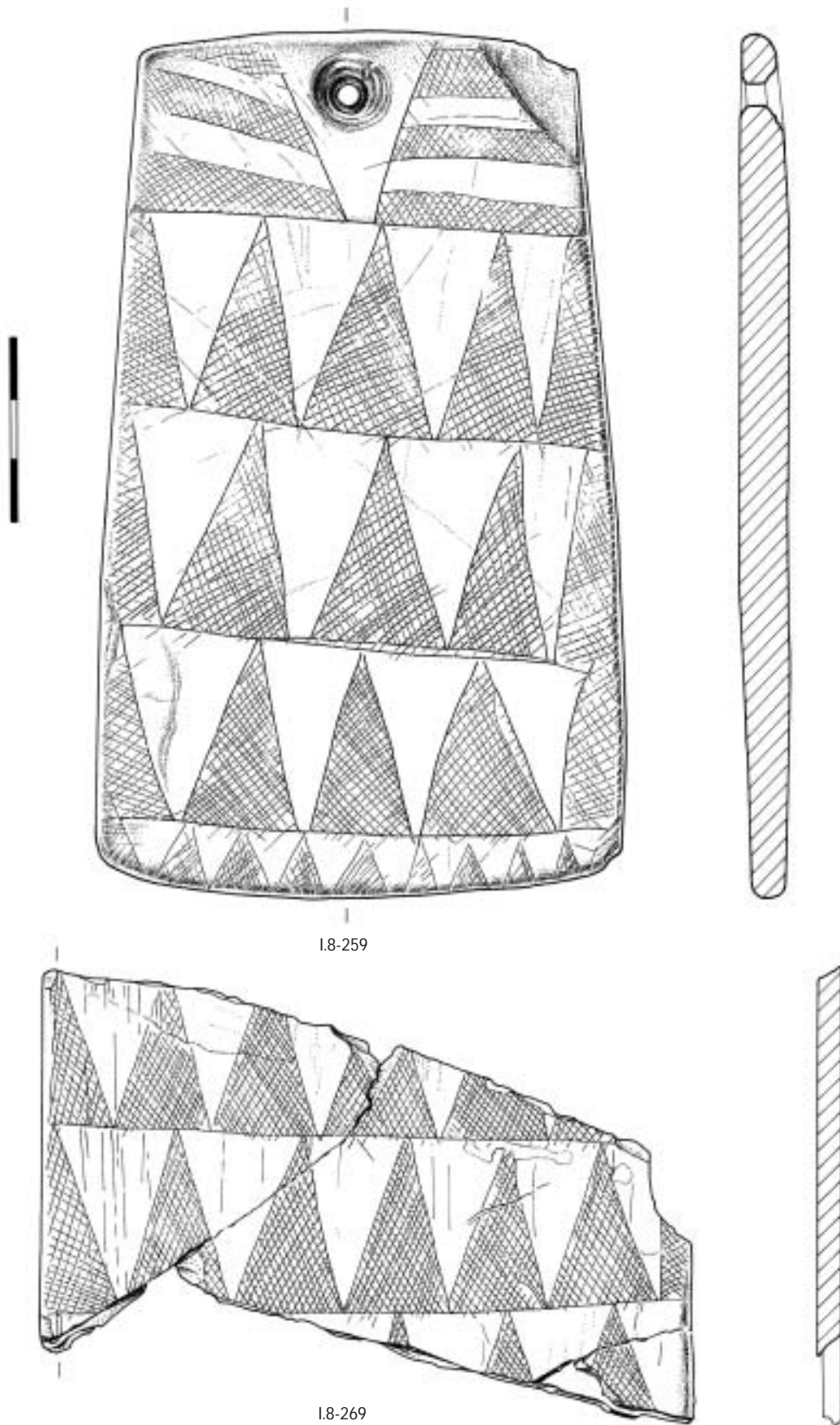


FIG. 85 – As placas I.8-259 e I.8-269.

6.2.1.6.5.9. *A placa I.9-22 – Fig. 86:1. Fig. 124:1.*

Placa com uma única perfuração central, troncocónica.

- Altura máxima (ao centro): 14,23 cm.
- Altura da cabeça: 4,03 cm.
- Altura do corpo 10,20 cm.
- Largura no topo: 6,1 cm.
- Largura presumida na base: 8,24 cm (falta um muito pequeno fragmento no canto inferior esquerdo e direito).
- Espessura na área mesial: 9,68 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,64 mm.
- Ø da perfuração no verso: 4,17 mm.

Cabeça marcada por dois conjuntos, um, à esquerda, com duas bandas oblíquas preenchidas e, à direita, duas bandas e o arranque de outra. Corpo com duas faixas zigzagueantes preenchidas, desenvolvendo-se sem delimitações auxiliares verticais a todo o campo do corpo da placa. Na base, três triângulos de vértice para cima correspondem ou a uma hipotética terceira faixa zigzagueante ou aos triângulos que preenchem um espaço insuficiente para o desenvolvimento de uma terceira faixa.

O bordo basal da placa está polido e é relativamente rectilíneo do lado esquerdo da placa, tornando-se claramente ondulante do lado direito. Aí, há traços de polimento que parece cortar a base do segundo triângulo. O verso apresenta traços de polimento, tanto verticais como oblíquos. No lado esquerdo do verso, os traços oblíquos parece convergirem em direcção a uma zona actualmente fracturada, e acima dela, no plano do bordo, alguns são paralelos.

6.2.1.6.5.10. *A placa J.8-77 – Fig. 86:2. Fig. 124:3.*

Fragmento de bordo inferior de placa, esculpida num xisto esverdeado claro, diferente do habitual azul médio. O xisto esverdeado, com laivos acastanhados, «borra de vinho» ou «avinhado», é um xisto alterado, relativamente pouco comum no conjuntos artefactuais megalíticos de Reguengos de Monsaraz. O fragmento é, na realidade, uma lasca com a espessura de 2,94 mm, resultado da lamelização da placa original, que regista sinais de fortes traumatismos. A espessura original seria provavelmente o dobro da actualmente registada. A superfície do fragmento apresenta-se fortemente desgastada, tendo em algumas áreas perdido completamente o aspecto original. Não é de todo improvável que, no caso do bordo original ter sido o do topo esquerdo, pudéssemos estar perante uma placa com o triângulo representando a cabeça, centrado, num campo completamente preenchido por traços paralelos horizontais. Ao invés, se se tratasse do bordo direito, o fragmento deveria ser da base e não do topo, não sendo lógica qualquer leitura neste ângulo. De qualquer forma, o motivo decorativo principal de esta placa é dificilmente reconhecível, seja qual for a orientação proposta. Prefiro, na actual conjuntura, acreditar tratar-se do bordo esquerdo de uma placa.

A placa apresenta restos do que poderia ter sido, eventualmente, uma pintura vermelha. Esses presumíveis traços de pintura apenas se encontram presentes no que resta das superfícies originais da placa, não sendo visíveis em nenhum dos negativos de fractura antiga que a placa apresenta, o que pode ser uma garantia da sua antiguidade, ou pelo menos da sua anterioridade em relação às últimas acções traumáticas que poderia ter sofrido. Como prováveis motivos, reconhecem-se pequenos círculos formados por micro-pontos vermelho acastanhados. Dois dos círculos estão quase adossados. Muito destruído, o fragmento talvez pertença à mesma placa que H.8-30. A decoração visível não tem paralelos conhecidos em Reguengos de Monsaraz.

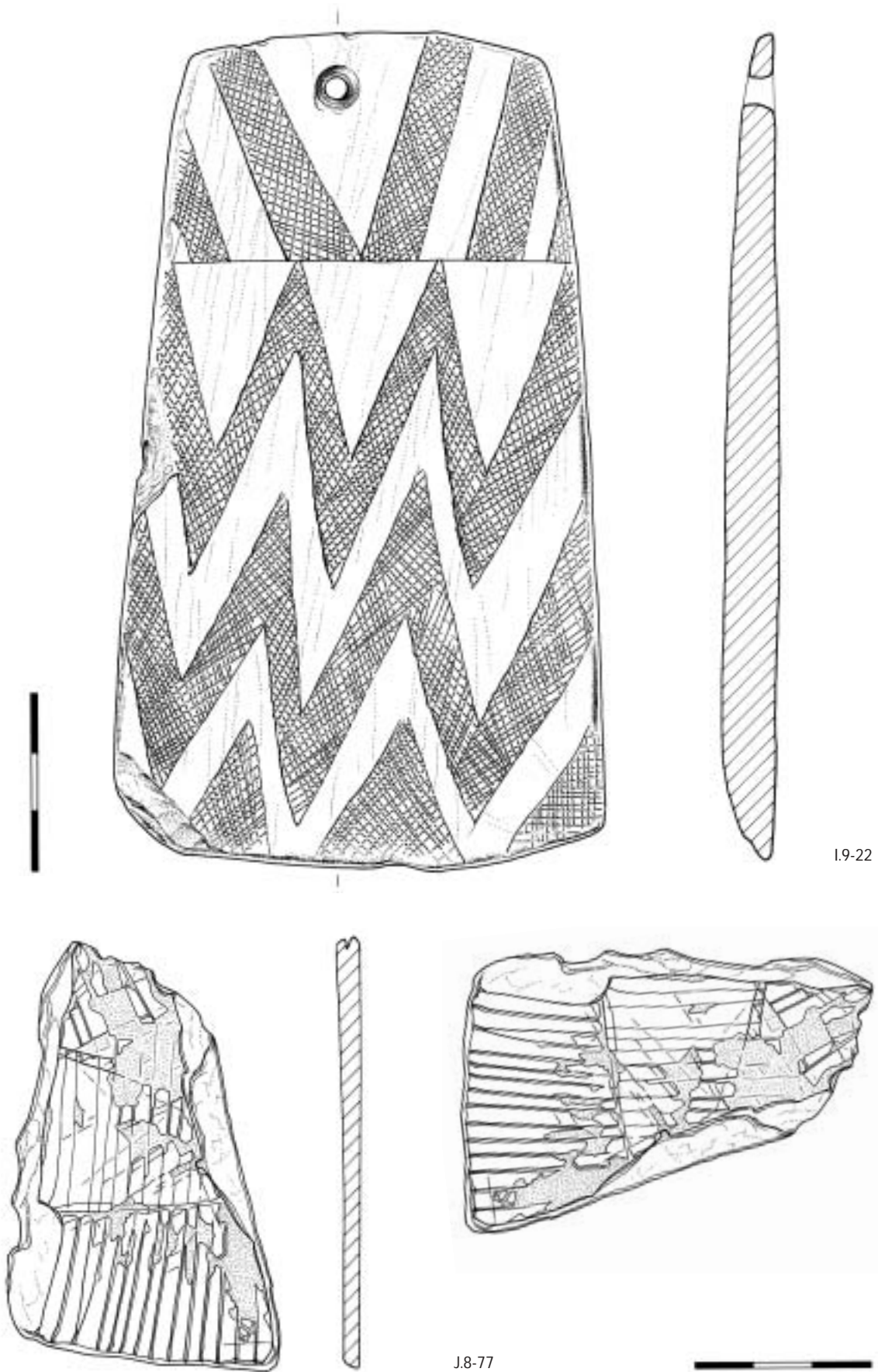


FIG. 86 – A placa I.9-22 e as duas leituras para a placa J.8-77.

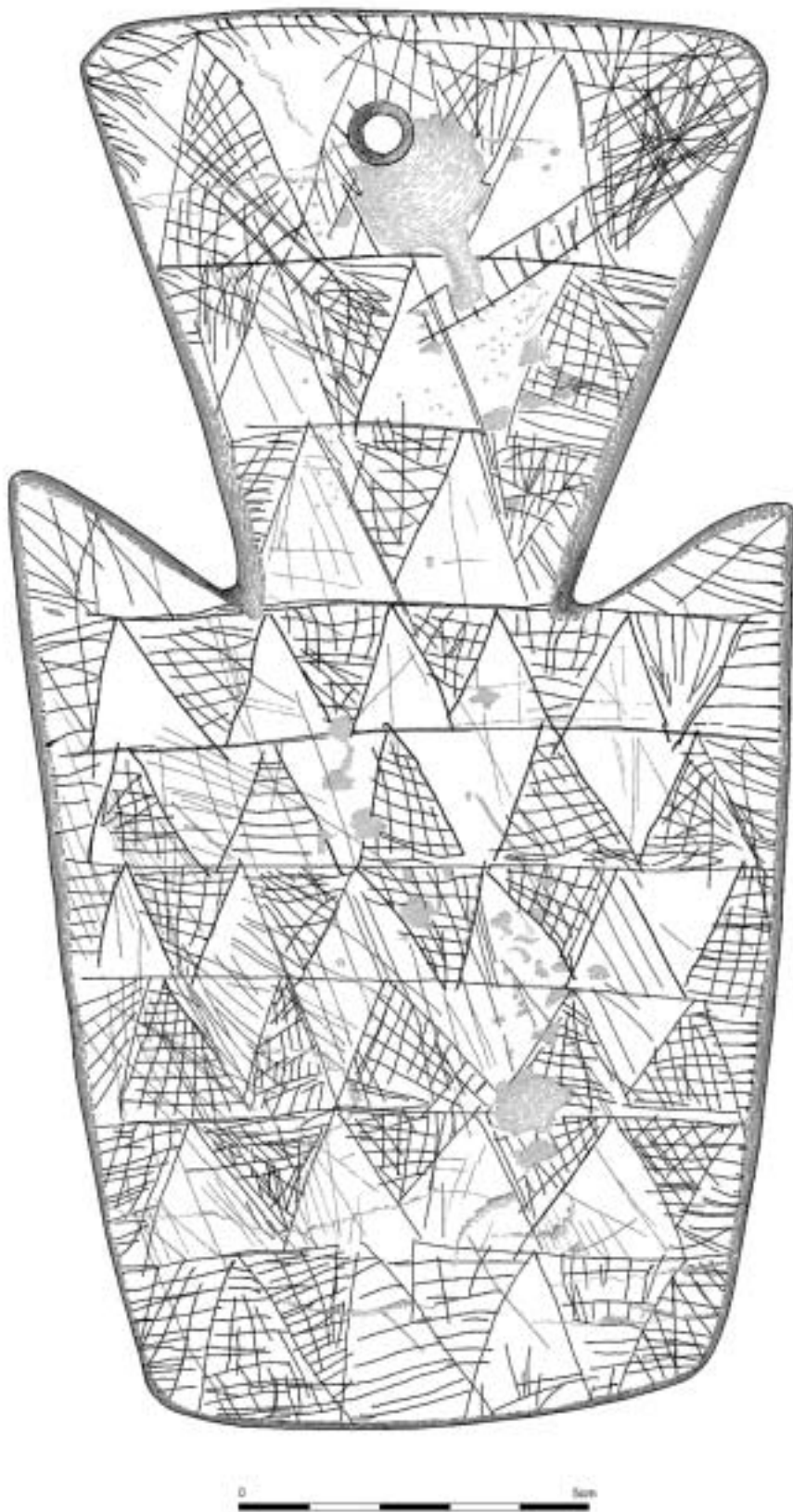


FIG. 87 – Placa J.8-667, face.

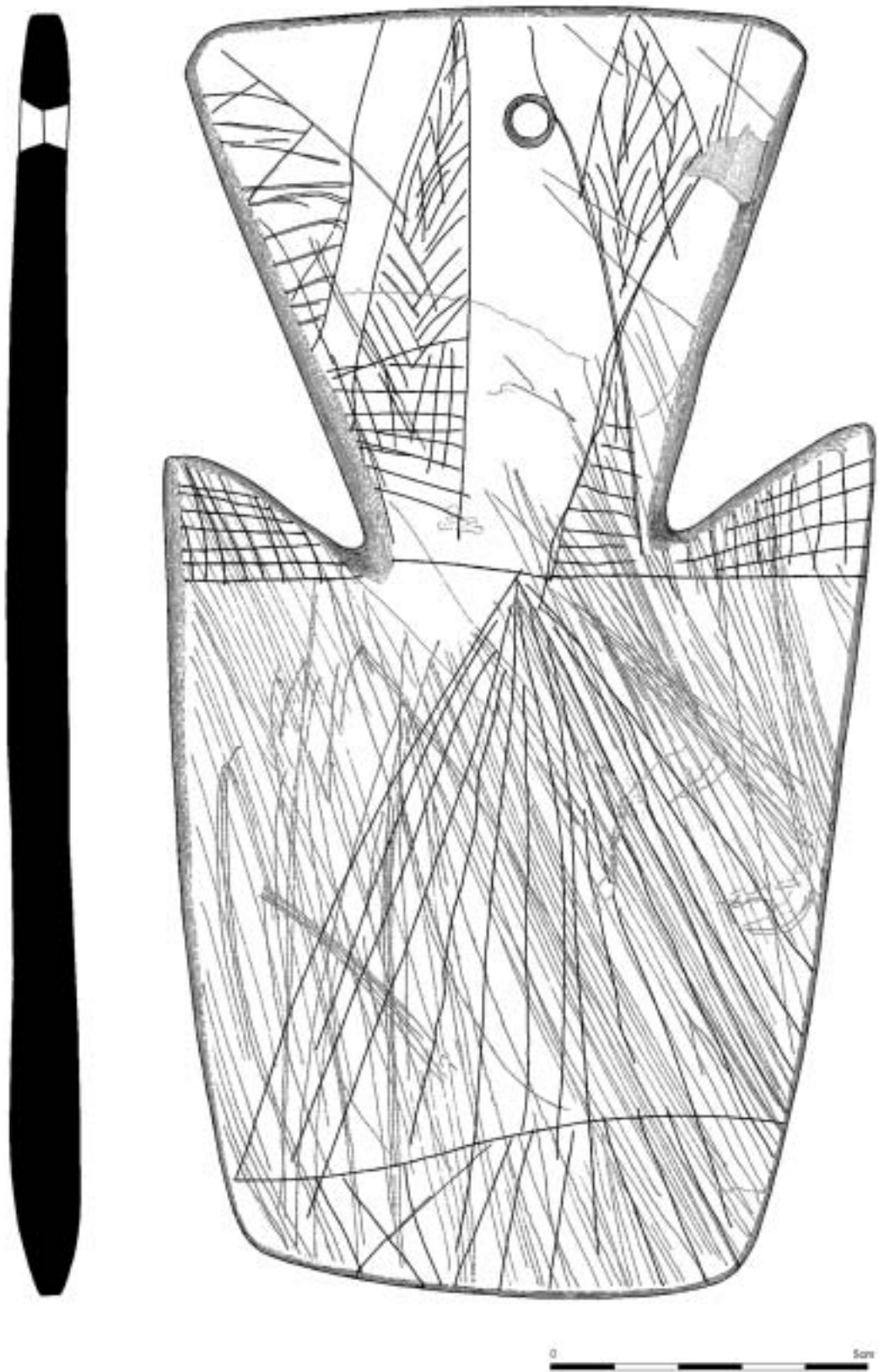


FIG. 88 – Placa J.8-667, verso.

raz, talvez se trate de motivos escutiformes múltiplos, dispostos obliquamente acima de dois campos de traços verticais. Mas não é certo. A placa apresenta partes da superfície gravada muito danificadas, tendo mesmo desaparecido fragmentos localizados. Apesar disso, o traçado terminal da gravação consegue ainda observar-se com luz rasante, em lupa binocular.

A extrema mutilação deste fragmento de placa, proveniente de um exemplar com motivos de muito difícil interpretação, impede outros comentários sobre o que teria certamente sido uma placa excepcional.

6.2.1.6.5.11. A placa J.8-576+J.9-82+H.8-30+I.8-11

Talvez fragmentos de bordo da placa J.8-77, mas não é certo, pelo que se decidiu individualizar estes fragmentos como pertencentes a uma outra placa. Xisto avinhado. Os traços incisivos oblíquos estão gravados no que resta da face, mas também se prolongam até ao bordo, e partem de uma linha quase vertical, irregular. Placas como esta são efectivamente muito pouco frequentes no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz, não só pela matéria prima pouco usada, o xisto avinhado, como pelos motivos, neste caso apenas conhecidos de uma forma muito limitada, considerando as reduzidas dimensões dos fragmentos. Dos quatro fragmentos, um (H.8-30) é proveniente do Corredor com uma altimetria de 205,03. Os provenientes da Câmara têm as seguintes altimetrias: 204,85 – 205,08. Outro provém do crivo.

6.2.1.6.5.12. A placa J.8-667

Figs. 87, 88, 89, 91, 92, 93. Figs. 125, 126, 127, 128.

A placa associada à deposição funerária Cm-7 é uma placa de cabeça recortada, com perfuração única, bitroncocónica e ligeiramente excêntrica, e tem a seguinte descrição:

- Altura máxima (ao centro): 20,07 cm.
- Altura da cabeça (medida na face): 8,45 cm.
- Altura do corpo e da banda proximal: 11,62 cm.
- Altura da banda proximal: 2,62 cm.
- Largura no topo: 9,64 cm.
- Largura na base: 7,74 cm.
- Espessura na área mesial: 11,46 mm.
- Ø da perfuração na face: 8,23 mm.
- Ø da perfuração no verso: 8,08 mm.

Face (Fig. 87)

Cabeça (de cima para baixo): cinco componentes estruturantes, distribuídos por dois conjuntos:

- i. 1.º conjunto: no topo, uma linha horizontal a toda a largura, interrompida na extrema esquerda e depois continuada por outra, cortadas por traços curtos oblíquos, gravadas de cima para baixo, e da esquerda para a direita, define uma área assimilável à representação das «sobrancelhas» nas figurações da Deusa dos Olhos de Sol. No entanto, se esta era uma opção aparentemente óbvia, preferi considerar a linha vertical interrompida, e continuada a seguir, como o topo da primeira das três bandas de triângulos da Cabeça. Mas não é impossível que ela seja efectivamente parte dos dois conjuntos, no caso do segundo sendo utilizada como a linha que delimita no topo a banda de triângulos superior. De cada ponto extremo do topo da placa, e convergindo para um ponto médio da altura da cabeça, alinhado na vertical da perfuração, foram gravados dois motivos em forma de escada, de idêntico

comprimento, mais largo o da direita. É interessante que o efeito de escada esteja apenas patente na segunda metade (de cima para baixo) do motivo, basicamente constituído por duas linhas quase paralelas, parcialmente cortadas por outras, perpendiculares;

2. 2.º conjunto: na cabeça, o campo disponível é praticamente todo ocupado por três bandas com 8, 7 e 6 campos vazios e preenchidos, triangulares, com diversas orientações (vértice para cima ou para baixo, ver Quadro), de traçado e preenchimento irregular. Na primeira banda, a sequência de triângulos têm a leitura dificultada por uma área danificada, mas que parece representar a junção de dois triângulos preenchidos com o vértice para cima e dois triângulos preenchidos com o vértice para baixo. A segunda banda apresenta uma sequência irregular de triângulos com o vértice para baixo: triângulo preenchido + triângulo preenchido + triângulo vazio adossado a outro preenchido, com o vértice para cima + campo final triangular preenchido. A terceira banda apresenta três triângulos preenchidos com o vértice para baixo, o último dos quais adossado a um campo de delimitação preenchido por oblíquas, descendo da esquerda para a direita.

QUADRO 31

A cabeça de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

Banda	Campo	Função	Preenchimento	Comentário
B1	C1	DMIB↓	Nenhum	Parece ilusoriamente preenchido pelo facto de ser atravessado na diagonal pelo motivo escalariforme eº e por parte dos traços oblíquos que definem as sobrançelas e ainda por um conjunto de quatro incisões oblíquas que atingem o bordo, cortadas por uma linha que lhes é perpendicular.
B1	C2	TP↑	Quadrícula	A análise do ponto de intersecção dos traços do triângulo e do motivo escalariforme mostram que o motivo é anterior à gravação do triângulo.
B1	C3	TV↓	Nenhum	Apenas um risco no topo direito.
B1	C4	TP↑	Quadrícula	Quadrícula irregular.
B1	C5	TP↓	Quadrícula	Este provável triângulo está muito afectado pela destruição que a placa sofreu neste ponto, com uma área de perda de massa contígua à perfuração e que afectou esta. O seu vértice está longe de ser nítido, tal como aliás no caso anterior. Talvez a área correspondendo a C4 e C5 fosse antes uma área irregular envolvendo a perfuração e não dois triângulos contíguos preenchidos, mas é impossível dizê-lo.
B1	C6	TV↑	Nenhum	Apenas preenchido pelo motivo escalariforme direito
B1	C7	TP↓	Quadrícula	Quadrícula irregular e complexa. O motivo escalariforme parece cortar o triângulo anteriormente gravado. Parece ter havido um conjunto de riscos que se entrecruzam e que, neste triângulo, não têm que ver com o preenchimento em quadrícula inicial.
B1	C8	DMFB↑	Nenhum	Muito perturbado por riscos intersecantes desordenados.
B2	C1	TP↓	Quadrícula	Apresenta no bordo esquerdo sulcos fundos e curtos que podem ter sido produzidos por uma corda fina e dura que ataria a cabeça da placa. Estes sulcos têm a sua réplica na área terminal de B2, também no bordo.
B2	C2	TV↑	Nenhum	
B2	C3	TP↓	Quadrícula	É o triângulo em que termina o motivo escalariforme eº. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B2	C4	TV↑	Nenhum	É o triângulo em que termina o motivo escalariforme dº. O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B2	C5	TV↓	Nenhum	Por ser vazio, é neste triângulo que observam melhor os traços que segmentam o escalariforme direito. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B2	C6	TP↑	Quadrícula	A quadrícula não chega a atingir a base do triângulo, havendo nela uma área, a inferior, em que apenas foram gravados 3 traços horizontais, ocupando toda a largura do triângulo.

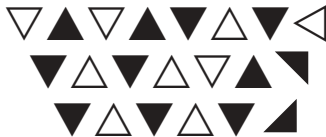
QUADRO 31 [Cont.]

A cabeça de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

Banda	Campo	Função	Preenchimento	Comentário
B2	C7	DMFB↓	Quadrícula	Mas não é impossível ser um campo preenchido com horizontais e alguns riscos parasitas.
B3	C1	TP↓	Quadrícula	Incompleto, mas não parece ser um delimitador de faixa
B3	C2	TV↑	Nenhum	Com vestígios de traços anteriores à paginação definitiva.
B3	C3	TP↓	Quadrícula	Um dos lados convergindo para o vértice ultrapassa a linha divisória, que o outro não atinge.
B3	C4	TV↑	Nenhum	
B3	C5	TP↓	Quadrícula	Triângulo incompleto, mas que não chega à base da banda, adossando-se a C6.
B3	C6	DMFB↑	Oblíquas	

DMIB: delimitador de início de banda. DMFB: delimitador de fim de banda.

O que produz o seguinte padrão:



Face

Corpo (de cima para baixo): oito componentes estruturantes — dois ombros definidos pelo recorte da placa e pelo traço de cima da banda de topo, cinco bandas de triângulos, com os vértices de orientação oposta de banda para banda, e uma banda terminal também preenchida por triângulos.

1. destacando-se no corpo, dois «ombros» triangulares, bem definidos, em cima, pelo recorte da placa e, em baixo, pelo traçado da primeira fila de triângulos. Preenchidos com riscos oblíquos, grosseiramente intersecantes;
2. corpo com cinco fileiras de 12, 11, 12, 11, 10 espaços triangulares, vazios e preenchidos e ainda funcionando como delimitadores de início e fim de banda, mais ou menos triangulares. A primeira banda começa com um espaço delimitador com o aspecto de um triângulo inacabado, continua com cinco triângulos preenchidos de vértice para baixo, o último preenchido por traços verticais, e termina com um espaço delimitador preenchido por horizontais paralelas. A segunda banda apresenta o mesmo número de triângulos preenchidos, mas com o vértice para cima, enquadrados no início e no fim por espaços delimitadores preenchidos. O segundo triângulo preenchido contém apenas horizontais paralelas. A terceira banda inclui também cinco triângulos, agora de vértice para baixo, mas o quinto está vazio. Permanecem os espaços delimitadores, mas o primeiro está preenchido apenas por horizontais. A quarta banda contém cinco triângulos preenchidos, com o vértice para cima, delimitados por dois espaços triangulóides preenchidos. A quinta banda inclui quatro triângulos preenchidos, se considerarmos o primeiro campo como espaço delimitador. O último campo é preenchido, tal como o triângulo que a ele se adossa;
3. finalmente, uma banda delimitadora do fim da placa, com oito espaços triangulares, vazios ou preenchidos por oblíquas intersecantes ou por traços paralelos, por vezes cortados por traços verticais curtos. O preenchimento dos triângulos atinge aqui a maior diversidade do conjunto: campos 1-2-3 com oblíquas intersecantes; 4-5 com traços hori-

zontais, cortados no caso do 5 por alguns traços quase verticais; 6 vazio; 7-8 com traços intersecantes muito irregulares no caso do 8, tal como o 1, um verdadeiro espaço delimitador. A nível de triângulos preenchidos, voltamos assim a ter de novo 5.



FIG. 89 – Pormenor da banda delimitadora de fim de placa e da banda para triângulos imediatamente superior. 1: triângulo parcialmente quadrículado, abaixo do qual se observa a interrupção e prosseguimento posterior do traço delimitador da banda final; 2: triângulo cujo vértice não atinge a linha delimitadora que está inferior; 3: triângulos adossados com preenchimento quadrículado irregular; 4: triângulos adossados com preenchimento respectivamente por 10 e 8 traços horizontais, no da direita cortados por três verticais. Neste triângulo, tal como nos que lhe são anterior e superior, o vértice não se forma exactamente na base; 5: triângulo vazio; 6: área de fim de banda, preenchida; 7: traços irregulares, os verticais provavelmente acidentais, os horizontais resultantes de um eventual projecto de preenchimento com linhas horizontais. A imagem foi invertida em *Photoshop*, de forma a sublinhar as incisões e aumentar o contraste.

QUADRO 32

O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

Banda	Campo	Função	Preenchimento	Comentário
B1	C1	DMIB↓	Quadrícula	Vê-se muito nitidamente que foi gravado depois do recorte e polimento dos bordos estar completo, uma vez que os traços incisivos horizontais, e mesmo dois oblíquos, se prolongam no bordo.
B1	C2	TV↑	Nenhum	
B1	C3	TP↓	Quadrícula	Relativamente regular. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B1	C4	TV↑	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda superior.
B1	C5	TP↓	Quadrícula	De preenchimento irregular.
B1	C6	TV↑	Nenhum	
B1	C7	TP↓	Quadrícula	Dois dos traços de preenchimento são segmentos de círculo concêntricos.
B1	C8	TV↑	Nenhum	
B1	C9	TP↓	Quadrícula	O terceiro sulco a contar de baixo invade o triângulo anterior e o seguinte. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.

QUADRO 32 [Cont.]

O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

Banda	Campo	Função	Preenchimento	Comentário
B1	C10	TV↑	Nenhum	
B1	C11	TP↓	Verticais	Preenchimento apenas com traços que convergem para o vértice do triângulo. O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B1	C12	DMFB↑	Horizontais	
B2	C1	DMIB↓	Horizontais	Com sulcos que se prolongam para o bordo. Traços de polimento anteriores à gravação criam ilusão de quadrícula.
B2	C2	TP↑	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B2	C3	TV↓	Nenhum.	O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B2	C4	TP↑	Horizontais	Preenchido com traços horizontais, sem qualquer vestígio de terem sido cortados na vertical. Existem, no entanto, traços muito pequenos, alguns dos quais se prolongam nitidamente para C3. O vértice não atinge o traço de banda superior.
B2	C5	TV↓	Nenhum	O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B2	C6	TP↑	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B2	C7	TV↓	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B2	C8	TP↑	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B2	C9	TV↓	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B2	C10	TP↑	Quadrícula	
B2	C11	DMFB↓	Horizontais	Grande traço vertical cortado por numerosos outros, horizontais, que se prolongam para o bordo da placa.
B3	C1	DMIB↓	Horizontais	Traços que se prolongam para o bordo da placa. Traços de polimento anteriores à gravação criam ilusão de quadrícula.
B3	C2	TV↑	Nenhum	Alguns traços de polimento na vertical, que poderiam confundir-se com gravação anterior, o que não parece ser real. O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B3	C3	TP↓	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B3	C4	TV↑	Nenhum	O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B3	C5	TP↓	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B3	C6	TV↑	Nenhum	
B3	C7	TP↓	Quadrícula	O vértice ultrapassa o traço de banda inferior.
B3	C8	TV↑	Nenhum	
B3	C9	TP↓	Quadrícula	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B3	C10	TV↑	Nenhum	
B3	C11	TV↓	Nenhum	
B3	C12	DMFB↑	Quadrícula	Sulcos que se prolongam no bordo da placa. O vértice ultrapassa o traço de banda superior.
B4	C1	DMIB↓	Oblíquas	
B4	C2	TP↑	Quadrícula	Quadrícula relativamente regular. Não forma vértice, ao ir de encontro à linha superior.
B4	C3	TV↓	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B4	C4	TP↑	Quadrícula	
B4	C5	TV↓	Nenhum	
B4	C6	TP↑	Quadrícula	
B4	C7	TV↓	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B4	C8	TP↑	Quadrícula	
B4	C9	TV↓	Nenhum	O vértice não atinge o traço de banda inferior.

QUADRO 32 [Cont.]

O corpo de J.8-667, na face. As setas indicam a orientação dos vértices dos triângulos.

Banda	Campo	Função	Preenchimento	Comentário
B4	C10	TP↑	Quadrícula	
B4	C11	DMFB↓	Horizontais	Traços gravados entram fortemente no bordo da placa.
B5	C1	DMIB↓	Quadrícula	
B5	C2	TV↑	Nenhum	
B5	C3	TP↓	Quadrícula	Sulco horizontal prolongando-se para C2.
B5	C4	TV↑	Nenhum	
B5	C5	TP↓	Quadrícula	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B5	C6	TV↑	Nenhum	
B5	C7	TP↓	Quadrícula	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B5	C8	TV↑	Nenhum	
B5	C9	TP↓	Quadrícula	Na realidade, este triângulo termina muito antes da banda, fazendo com que o campo seguinte apareça como um trapézio irregular, o que é perfeitamente compatível com um delimitador de fim de banda. O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B5	C10	DMFB↑	Quadrícula	Sulcos horizontais que entram completamente no bordo.
B6	C1	DMIB↓	Quadrícula	Poderia ser eventualmente interpretado como um triângulo preenchido, o primeiro de uma banda só com triângulos e sem campos delimitadores de início e fim de banda, mas a sua similitude com C8 determinou que esta opção fosse afastada.
B6	C2	TP↑	Quadrícula	
B6	C3	TP↓	Quadrícula	O vértice não atinge o traço de banda inferior.
B6	C4	TP↑	Oblíquas	
B6	C5	TP↓	Horizontais	Os traços de preenchimento entram em C6. O vértice não atinge o limite inferior da placa.
B6	C6	TV↑	Nenhum	
B6	C7	TP↓	Quadrícula	O vértice, se existisse, ultrapassaria o limite inferior da placa.
B6	C8	DMFB↑	Quadrícula	

DMIB: delimitador de início de banda. DMFB: delimitador de fim de banda. TV: Triângulo vazio. TP: Triângulo preenchido.

Resumindo graficamente o ritmo da alternância dos campos (triângulos e espaços delimitadores), teremos

QUADRO 33

Alternância de campos de J.8-667.

B	TC	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12
1	I2	▣=☞	△	▼	△	▼	△	▼	△	▼	△	▼	▣=☞
2	II	▣=☞	▲	▽	▲	▽	▲	▽	▲	▽	▲	▣=☞	
3	I2	▣=☞	△	▼	△	▼	△	▼	△	▼	△	▽	▣=☞
4	II	▣=☞	▲	▽	▲	▽	▲	▽	▲	▽	▲	▣=☞	
5	IO	▣=☞	△	▼	△	▼	△	▼	△	▼	▣=☞		
6	8	▣=☞	▲	▽	▲	▽	▲	▽	▣=☞				

▲ : triângulo preenchido com o vértice para cima

▼ : triângulo preenchido com o vértice para baixo

△ : triângulo vazio com o vértice para cima

▽ : triângulo vazio com o vértice para baixo

▣ : delimitador preenchido, com o vértice para a base da banda

▣ : delimitador preenchido, com o vértice para o topo da banda

= ☞ : delimitador de início de banda

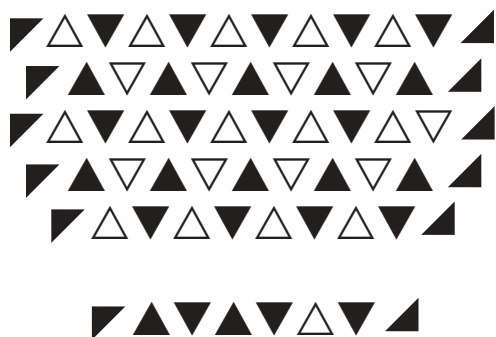
= ☞ : delimitador de fim de banda

B: banda

BF: banda final

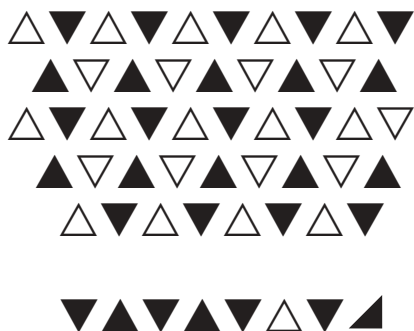
TC: total de campos: triângulos (vazios e preenchidos) e delimitadores

O padrão surge com a configuração seguinte:



observando-se que

1. as bandas começam sempre por um espaço preenchido, terminando da mesma maneira;
2. em nenhuma banda se verifica uma alternância rigorosa entre um espaço preenchido e um vazio;
3. a segunda banda distingue-se pelo ritmo acertado da alternância dos triângulos ser reconhecível, se os considerarmos enquadrados por dois triângulos preenchidos no início e outros dois no fim (B2-1/II, B2-2/II, B2-10/II, B2-11/II);
4. a banda quatro pode ser lida da mesma maneira;
5. o mesmo acontece com a cinco;
6. a última banda, a seis, que considero delimitadora de fim de placa, em oito espaços tem apenas um vazio, F6-6/8
teríamos assim, se expurgarmos as periferias de banda, uma outra imagem:



Agora, as bandas

1. começam sempre com triângulos com o vértice para cima, com o ritmo (da banda 1 à banda 5) vazio-preenchido-vazio-preenchido-vazio;
2. terminam com o ritmo (da banda 1 à banda 5) preenchido-preenchido-vazio-preenchido.

Na realidade, os próprios tipos de preenchimento justificam que se registre a sua diversidade:

QUADRO 34

Tipos de preenchimento dos triângulos e campos delimitadores de J.8-667.

B	T	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	I2	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼↕	▼\$
2	II	▼	▲#	▽	▲\$	▽	▲#	▽	▲#	▽	▲#	▼#	
3	I2	▼\$	△	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▽	▲#
4	II	▼//	▲#	▽	▲#	▽	▲#	▽	▲#	▽	▲#	▼\$	
5	IO	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼#	△	▼#	▲//		
6	8	▼#	▲#	▼#	▲//	▼\$	△	▼#	▲#				

\$: traços horizontais # : quadrícula (traços oblíquos ou horizontais intersecantes)
 ↕ : traços verticais // : traços oblíquos

A composição das bandas de triângulos baseia-se na oposição de cinco triângulos com o ritmo de orientação Baixo – Cima – Baixo – Cima – Baixo, sendo os espaços sobranceiros iniciais e terminais de cada banda, em consequência do desenho do primeiro e último triângulos quase sempre figuras irregulares, triangulóides ou trapezoidais alongadas. Sempre que funcionam efectivamente como espaços sobranceiros, são preenchidos com traços horizontais paralelos, ainda que irregularmente traçados, salvo no caso da banda 1, em que o 1.º se aproxima de um triângulo, na banda 3, em que o ritmo se interrompe e o triângulo 5 fica vazio, preenchendo-se o espaço sobranceiro, que funciona assim como um triângulo preenchido, e na banda 6, em que o que seria um espaço sobranceiro inicial se transforma no 1.º triângulo, o que não é de estranhar por nos encontrarmos perante uma banda delimitadora de fim de placa, aqui com outras regras que as das cinco bandas anteriores.

Verso (Fig. 88)

Cabeça (da esquerda para a direita, três componentes estruturantes, o primeiro e o terceiro subdivididos em dois, o segundo em três áreas significantes)

1. em função da perfuração central, a decoração organiza-se de duas diferentes maneiras. À esquerda, um triângulo alongado com o vértice para baixo distingue-se de outro, muito alongado por uma clara separação em banda vazia. Um curto motivo escalariforme corta o primeiro, em baixo. O grande triângulo é ainda segmentado por um traço num outro vazio, no topo, e numa área preenchida;
2. o segundo contém um outro escalariforme um pouco mais curto, cortando um grupo de VV muito irregulares dispostos na vertical, rematados em baixo por um V, que remata a série e que é um verdadeiro triângulo vazio sem traço de topo, inserido num campo quadrículado, a que finalmente se segue um último campo marcado por oblíquas paralelas;
3. À direita da vertical marcada pela perfuração central para suspensão, um X muito alongado, a toda a altura da cabeça da placa, tem um losango preenchido com oblíquas intersecantes na sua parte superior e um triângulo preenchido com traços horizontais, e outros ligeiramente oblíquos, na metade inferior. No campo superior, na metade inferior do losango, repete-se a composição em VV dispostos na vertical do lado esquerdo da cabeça da placa. No inferior, usaram-se apenas traços horizontais paralelos como preenchimento;

Corpo

1. ombros: cada um é um verdadeiro triângulo preenchido, com o vértice apontando para o centro. O traço que separa a cabeça do corpo parte do ângulo interno do ombro-triângulo esquerdo e vai até ao limite oposto da placa;

2. o corpo da placa é inteiramente preenchido por um segmento de círculo constituído por 16 longos raios, partindo de um ponto central do traço que separa a cabeça do corpo. Na parte inferior, há ainda um traço ondulado que define uma área terminal da placa. Os raios 4, 6, 8, 9, 11 e 12 atravessam esta linha delimitadora, o que não acontece com os restantes. No entanto, partindo da linha ondulante para baixo, encontram-se outros 10 raios, desenhados dos da parte acima da linha. Deve sublinhar-se (e particularmente em função do motivo central do verso da placa H.8-5) que os raios longos 1 e 16 formam, com a linha divisória, um espaço triangular, com o vértice para cima, de algum modo semelhante ao traçado entre as pinturas ou «tatuagens» representadas no topo do verso da placa H.8-5.

Comentário

1. O recorte, a dimensão da cabeça e a perfuração

O recorte configura a situação das placas de ombros oblíquos (um exemplar em OP-2, outro em Passo 1), bem distinta das placas de ombros horizontais, de que se conhecem excelentes exemplares em Passo 1 e Cebolinhos 1. A dimensão da cabeça é superior a 1/3 da altura máxima da placa, aproximando-se mesmo da metade, ou, mais adequadamente, ocupa 42% da altura total do artefacto. Esta dimensão coloca a placa numa categoria relativamente pouco comum, sendo as alturas de cabeça de outras bem inferiores no cômputo percentual: 31,5% na placa recortada de ombros oblíquos de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI: 5) e apenas 17,5% na placa de ombros direitos também de Passo 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXI: 19). A placa de ombros direitos de Cebolinhos 1 (Leisner e Leisner, 1951, Est. XXXIV: 7) tem uma cabeça com apenas 20% da altura total da placa (19,3 cm), ainda que a situação das placas paginadas como esta sugira uma leitura mais cuidadosa das proporções relativas dos seus componentes, em função da maneira como os eles são interpretados.

A perfuração está actualmente descentrada: da sua margem esquerda ao bordo esquerdo medeiam 35,25 mm, e da sua margem direita até ao bordo direito 48,26 mm. No entanto, se reconstituirmos a placa original antes da gravação e do recorte, o que é factível com uma margem de erro mínima, prolongando o traçado dos bordos, verificamos que, *originalmente, ela estaria centrada*. Esta leitura reforça a tese, apoiada aliás pelo macroobservação dos traços invasores do interior da perfuração, de que esta é anterior ao tratamento final e gravação das superfícies da placa.

2. A face: motivos da Cabeça, tipo de triângulos de acordo com os preenchimentos, a banda final

Todas as incisões foram efectuadas com um utensílio de ponta dura e pontiaguda, tendo sido obtidos traços incisivos bem definidos.

O motivo escalariforme da esquerda oferecia inicialmente algumas dificuldades de interpretação, devido ao modo como termina e à multiplicação de traços que aí proliferam, levantando a questão das sobreposições e da anterioridade relativa dos motivos. Este motivo parte efectivamente do topo esquerdo da placa e termina numa área em que se encontra gravado um triângulo preenchido. A maneira como o motivo terminava sugeria mesmo poder tratar-se de uma mão. Na realidade, o motivo termina praticamente de encontro a uma linha zigzagueante que preenche irregularmente o topo do triângulo, produzindo a ilusão de um efeito de dedos. A macroobservação do entrecruzar de esses motivos é, no entanto, muito clara: os traços de preenchimento do triângulo cortam o traçado anterior do motivo escalariforme da esquerda, que poderia assim, eventualmente, integrar um conjunto de motivos gravados anteriormente na placa, situação a discutir mais adiante.

Os triângulos observáveis na face da placa têm as seguintes características, agora explicitadas numa leitura mais fina no quadro seguinte:

1. vazios (V);
2. preenchidos (P)

- 2.1. por traços intersecantes, formando uma quadrícula mais ou menos regular (PQ)
- 2.2. por traços horizontais (PTH)
- 2.3. por traços verticais (PTV)
- 2.4. por traços oblíquos (PTO)

QUADRO 35

Distribuição do preenchimento de triângulos.

Área	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12
CB-B1	V	PQ	V	PQ	PQ	V	PQ	V				
CB-B2	PQ	V	PQ	V	V	PQ	PQ					
CB-B3	PQ	V*	PQ	V	PQ	PQ						
CR-B1	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PTV	PTH
CR-B2	PTH	PQ	V*	PTH	V	PQ	V	PQ	V	PQ	PQ	
CR-B3	PTH	V	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PQ	V	V	PQ
CR-B4	PQ	PQ	V*	PQ	V*	PQ	V*	PQ	V	PQ	PTO	
CR-B5	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PQ	V	PQ	PTO		
CR-B6**PQ	PQ	PQ	PQ	PTO	PTH	V	PQ	PQ				

* Com traços quase imperceptíveis, atribuíveis a uma primeira paginação da placa, em que seria a eventual projecção de um triângulo preenchido com oblíquas intersecantes.

** Na verdade, no caso de CR-B6, apesar da similitude dos motivos, trata-se de uma verdadeira banda delimitadora final.

CB: Cabeça; CR: Corpo; B: Banda; C: Campo.

Parece importante sublinhar três pontos.

Em primeiro lugar, é muito possível que ao desenho das bandas e da inserção dentro delas dos triângulos vazios, se tenha sucedido uma fase de ensaio de paginação, cujos traços referentes aos triângulos destinados a ser preenchidos ou a ficarem vazios não foram totalmente apagados, apesar da paginação final ser diferente. No quadro acima, não considere nesta categoria V* alguns triângulos vazios que aparentavam ter traços aparentemente assimiláveis a este tipo, mas que me pareceram ser antes vestígios do polimento geral da superfície da placa.

Em segundo lugar, a distribuição dos triângulos preenchidos apenas com traços horizontais parece concentrar-se nas extremidades das bandas (CR-B2-T1 e CR-B3-T1; CR-B1-C12, CR-B4-C11), mas também perto do centro de algumas bandas: CR-B2-C4 E CR-B6 (=BDF) C4 e C5.

Finalmente, em apenas um caso, o de CR-B1-C12, o triângulo foi preenchido com traços verticais.

3. O verso: os triângulos do topo, o motivo radiante

Os triângulos do topo do verso da placa são o resultado de uma paginação prévia algo bizarra, mas que recorda, estilisticamente os motivos, muito diferentes, de uma placa exumada por Jorge Oliveira numa das antas que estudou (Alcogulo 1, Castelo de Vide). Trata-se de um paralelismo que não tem que ver com a similitude do motivo, mas com o tipo de gravação e a forma de execução.

Na base do verso, o campo definido pela linha da extrema esquerda do motivo radiante e pela linha oposta é rematado por um traço ondulante que serve assim de definidor de um campo grosseiramente triangular. Essa linha delimitadora é anterior aos traços que, na base da placa, prosseguem ou completam os traços radiantes que partem do separador Cabeça – Corpo, por isso penso que esta linha constitui uma primeira gravação destinada a organizar o futuro campo de traços radiantes. Esta situação é particularmente nítida em vários cruzamentos de traços, não atingindo no entanto as intersecções verticais o topo de essa Linha Delimitadora (LD). Por outro lado, alguns dos sulcos radiantes, nitidamente menos profundos que a linha delimitadora, cortam-na e prosseguem,

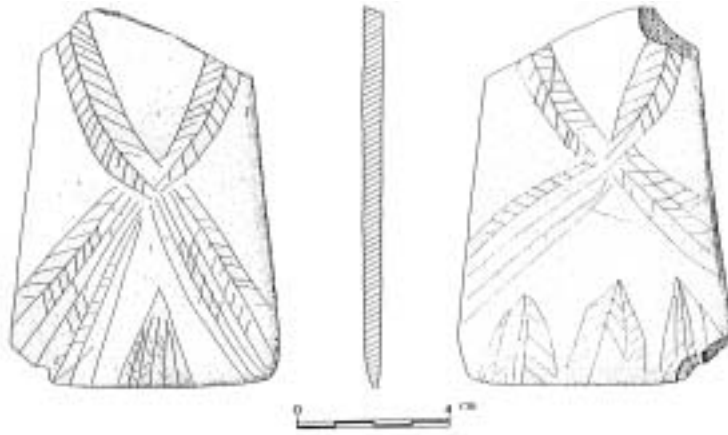


FIG. 90 – Placa AI 54 da Anta Alcogulo 1, Castelo de Vide (segundo Oliveira, 1997, vol. 3, p. 206). Os motivos usados e o seu tratamento estilizado diferem das normas, mas mantém-se as organizações simétricas e um triângulo (pouco ortodoxo, é certo) marca a base de uma das faces, onde aparece isolado. Na outra face, temos também na base um triângulo e dois quase triângulos, preenchidos de forma ainda mais bizarra que o anterior. Ainda que seja impossível provar com alta probabilidade qual foi a face e qual o verso, não encontro razão para divergir da escolha implícita no desenho de Jorge de Oliveira. As técnicas de gravação de esta placa parecem similares, tal como a gramática decorativa, às de STAM-3 J.8-667.

enquanto outros se interrompem. Tudo se passa como se, gravada a linha delimitadora inferior, alguns dos raios provenientes do pescoço da placa a tivessem ultrapassado, outros não, e o preenchimento da área abaixo da linha delimitadora tenha sido completado com novos traços, partindo dela para a extremidade proximal da placa. Numa situação particularmente nítida, duas linhas provenientes do foco central da radiação encontram a linha delimitadora e prosseguem, e no espaço entre elas, na linha delimitadora, foram gravadas, para baixo, três novas linhas.

Do ponto de onde aparentemente partem os traços radiantes, situado sobre a linha separadora Cabeça – Corpo, apenas parte, na realidade, uma delas, a da extrema esquerda. A linha da extrema direita, que define a área radiante, não chega a tocar nem a linha separadora Cabeça – Corpo nem sequer forma exactamente um triângulo, interrompendo-se antes do ponto que seria o vértice.

Basicamente, das 16 linhas radiantes no topo do segmento de círculo apenas uma toca a Linha Delimitadora, outra encontra-se com ela e algumas outras foram claramente gravadas a seguir, para preencher espaço, não se aproximando sequer do possível vértice do triângulo. Do conjunto das 16, considero quatro como organizadoras do espaço e gravadas primeiro, definindo três campos. O primeiro contém quatro linhas, o segundo, seis, o terceiro, duas.

É também interessante sublinhar que o traço delimitador da separação Cabeça – Corpo não é tão regular no verso como o foi na face. Assim, ele prolonga-se da direita para a esquerda, a partir da base definidora do ombro direito, mas a irregularidade do traço fez com que tenha sido necessário acrescentar outra linha horizontal, como delimitador do bordo, uma vez que o recorte é mais profundo à esquerda que à direita.

4. A cadeia operatória

Na cadeia operatória desenrolada para a obtenção da placa J.8-667 como produto final, distinguem-se as seguintes fases em sequência:

- 1.^a fase: obtenção, a partir de uma laje de xisto, de uma placa de forma trapezoidal muito alongada, cujos ângulos foram arredondados;
- 2.^a fase: perfuração de esta placa, com uma perfuração única, centrada;
- 3.^a fase: polimento das superfícies, com forte incidência no sentido longitudinal das duas faces;
- 4.^a fase: recorte da placa, de forma a se obter uma cabeça alta, trapezoidal, destacada, e dois ombros oblíquos (de cima para baixo, em função de uma linha divisória gravada pos-

teriormente, e que separaria a Cabeça do Corpo). Nesta fase da cadeia operatória, o *recorte irregular do topo torna a perfuração descentrada (ou excêntrica)*;

- 5.^a fase: gravação de uma linha a toda a largura do topo, cortada por traços oblíquos orientados, de cima para baixo, para a esquerda, equivalendo à linha dupla de sobrelinhas das figurações da Deusa dos Olhos de Sol sobre cerâmica ou outros suportes. Esta linha é gravada em dois momentos, talvez pela irregularidade do topo da placa ter conduzido a uma falha ou interrupção do primeiro movimento de gravação;
- 6.^a fase: gravação dos motivos escalariformes, convergentes para o centro;
- 7.^a fase: paginação das superfícies da placa, através da gravação de *campos delimitadores*, horizontais, bandas na face e campo radiante do verso, marcação dos ombros;
- 8.^a fase: gravação experimental ou de ensaio do preenchimento dos triângulos;
- 9.^a fase: decoração por preenchimento definitivo dos campos;
- 10.^a fase: gravação do verso com a provável sequência Cabeça-ombros-Corpo. Aqui, duas sequências distintas são claras, a primeira referida à cabeça e a segunda ao motivo radiante. Este último organiza-se pelo traçado de um triângulo de vértice para cima, seguido de um crescendo específico:
 - 1. divisão do triângulo pela inserção de um traço vertical central;
 - 2. subdivisão dos dois campos obtidos em quatro, pela gravação de dois traços radian-tes. Ambos, tal como o traço anterior cortam e ultrapassam o lado inferior do triângulo que os enquadra. Ambos partem do ponto mais alto possível, junto ao interior do vértice do triângulo;
 - 3. os quatro espaços internos são preenchidos com novos traços, aumentando o efeito de radiação, mas destes apenas dois ultrapassam a base do triângulo;
 - 4. são gravados mais três traços, já para lá do lado direito do triângulo, e acrescenta-dos novos traços abaixo do lado inferior, o que aumenta ainda mais, visualmente, o aspecto radiante do motivo.

No entanto, no que se refere à face da placa, uma observação da Cabeça permite avançar uma leitura alternativa, a partir de uma análise macroscópica dos traços incisos:

1. gravação do traço horizontal das «sobrelinhas»;
2. gravação dos traços que cortam a linha das «sobrelinhas»;
3. gravação do escalariforme esquerdo;
4. gravação dos triângulos do lado esquerdo;
5. gravação dos triângulos do lado direito;
6. gravação do escalariforme direito.

Se assim fosse, o primeiro motivo a ser gravado seria o dos triângulos e o último o dos esca-lariformes.

Mas a questão fundamental reside em perceber se os dois conjuntos referidos acima foram parte de uma única planificação iconológica da face da placa ou se representam dois momentos completa-mente distintos, tanto cronologica como conceptualmente.

Ora o segundo conjunto da Cabeça da placa é absolutamente coerente com os motivos gra-vados no corpo, pelo que faz indiscutivelmente parte do mesmo conjunto iconológico.

No entanto, a sequência de gravação dos motivos da Cabeça mostra que podem ter existido momentos entrosados de gravação para os diferentes conjuntos, como se acaba de ver. Isto é:

sendo o escalariforme do lado esquerdo anterior à gravação dos triângulos de esse lado, o escalariforme do lado direito é posterior à gravação dos triângulos do seu lado. O que quer dizer que houve uma concepção única, ainda que complexa, do todo representado na face de J.8-667.

O que se propõe, afinal, é a existência de dois conjuntos de representações cujo entrosamento estava concebido desde o início, o que não compromete minimamente a sua identidade. Assim sendo, a execução, fosse por que ordem fosse, previa à partida o resultado final que hoje observamos e o sincretismo da representação foi, como tal, planeado.

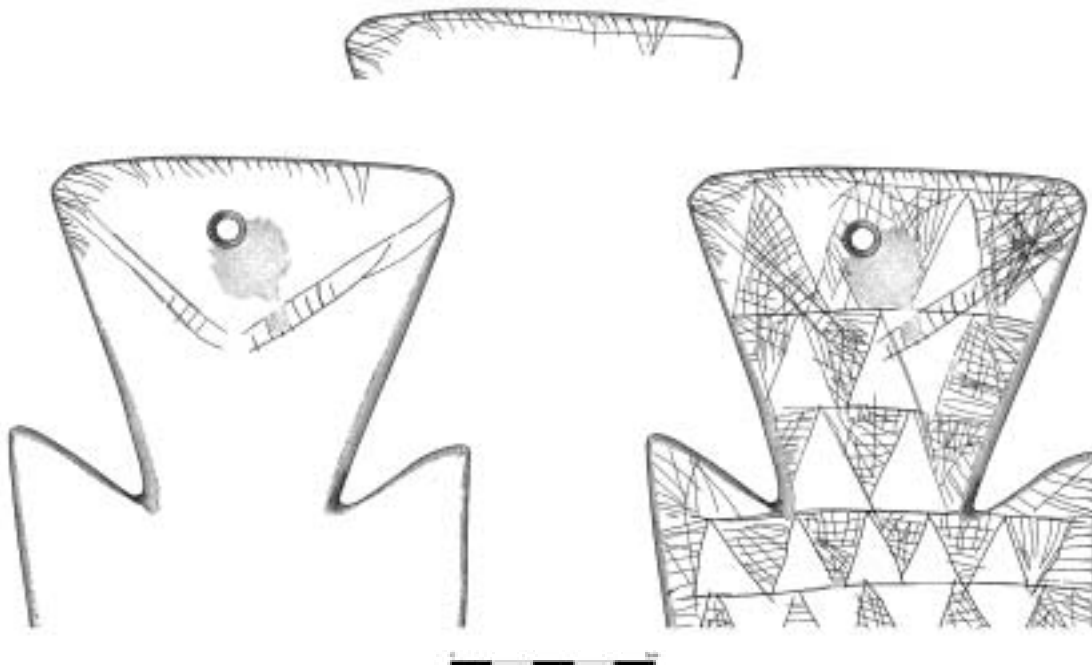


FIG. 91 – Placa J.8-667. Os conjuntos simbólicos A e B. À esquerda, o primeiro conjunto; À direita, o resultado da fusão de ambos. Em cima, a possibilidade de o traço delimitador superior da primeira banda de triângulos da Cabeça ter pertencido ao primeiro conjunto (sendo, logo a seguir, reutilizado numa nova função específica).

É importante referir agora os processos e os critérios usados para paginar e preencher os campos geométricos criados no verso da Cabeça da placa:

1. nunca houve a intenção de obter triângulos «clássicos»;
2. não é assim de estranhar que o preenchimento dos campos, mesmo quando estes são triangulares, não corresponda ao preenchimento metódico de triângulos como os das placas J.9-41 ou mesmo I.8-259;
3. mas também deve ser dito que raros são os triângulos do Corpo da face da placa que têm preenchimentos regulares;
4. no primeiro campo preenchido (da esquerda para a direita), há linhas entrecruzadas, irregularmente traçadas e orientadas em oblíquas de inclinações variáveis;
5. no segundo campo preenchido, um triângulo muito alongado, com o vértice para cima, o topo tem um preenchimento irregular de linhas oblíquas, parcialmente entrecruzadas, a área mesial é preenchida com um motivo em espiga de trigo e a parte inferior com uma verdadeira quadrícula;
6. o terceiro campo preenchido, um X muito alongado (portanto, dois triângulos unidos pelo vértice), tem um triângulo de vértice para cima gravado dentro do triângulo com o vértice

para baixo e este é irregularmente preenchido com linhas entrecruzadas, abaixo das quais se vê um motivo em espiga. O triângulo inferior é preenchido com linhas horizontais apenas cortadas, junto ao vértice, por duas linhas, uma quase vertical, outra oblíqua.

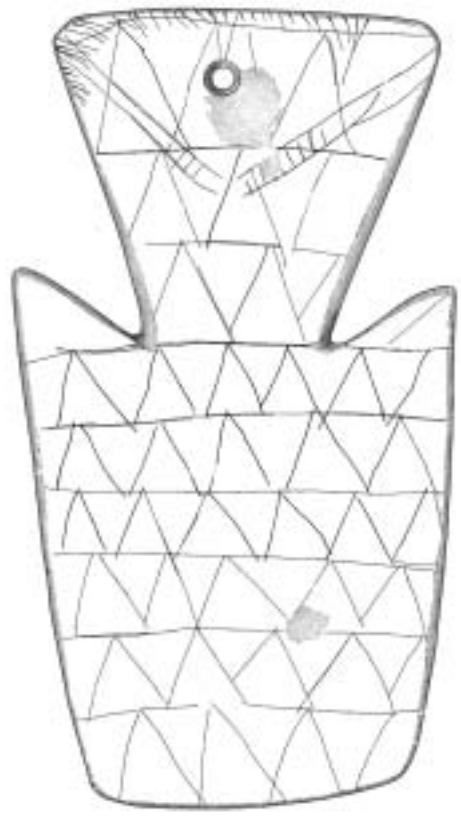
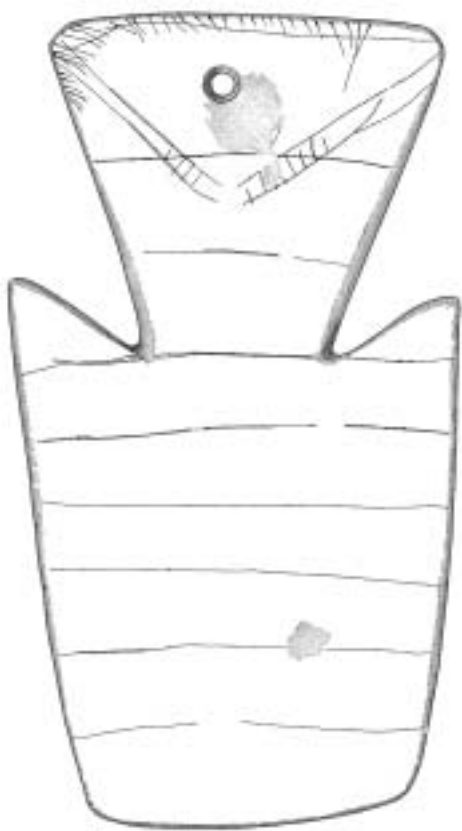
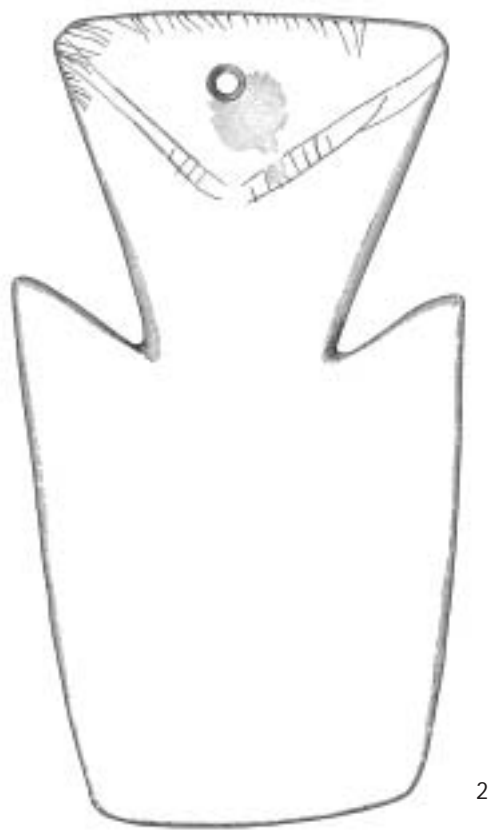
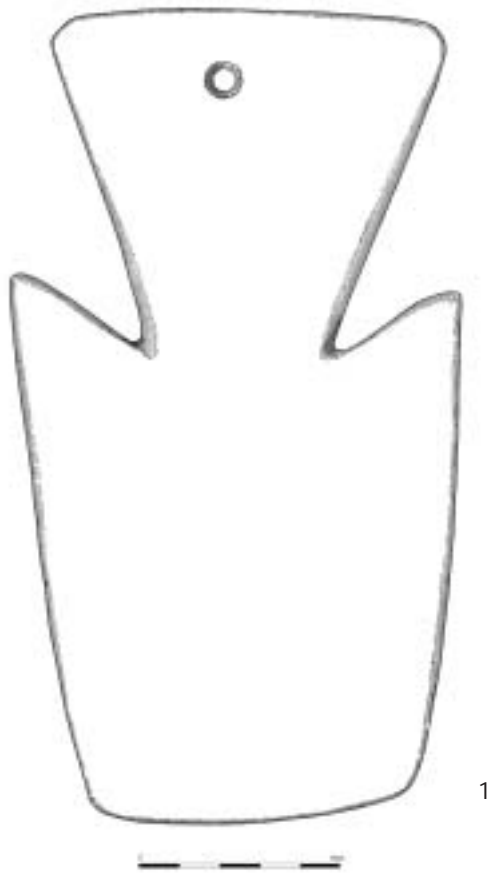
O motivo radiante, pela sua singularidade, foi objecto de especial atenção. Por análise macroscópica, reconstituiu-se a sequência da sua gravação, desde o ponto zero até ao momento final:

1. gravação de um grande triângulo de vértice para cima, partindo do traço delimitador Cabeça-Corpo;
2. divisão deste triângulo em dois, pela gravação de um traço vertical;
3. subdivisão dos dois campos disponíveis, obtendo-se agora quatro;
4. preenchimento dos quatro campos com traços intermédios e com mais três, exteriores ao lado direito do triângulo;
5. gravação de traços abaixo do lado inferior do triângulo original, de forma a prolongar para o limite da placa os traços radiantes. Nenhum de estes traços corresponde a uma continuação dos traços superiores e um deles tem mesmo uma orientação diferente (mas é o único nesta situação).

5. Comentário final

Voltaremos a discutir em 7. esta extraordinária placa, mas avança-se já com um pequeno lote de questões:

1. pelas suas dimensões, trata-se, nesta anta e no contexto específico de Reguengos de Monsaraz, de uma placa incomum;
2. ainda que existam no grupo megalítico outras placas recortadas, as características da dimensão da Cabeça e a orientação e recorte dos ombros garantem um estatuto único a este artefacto ideotécnico;
3. muito provavelmente, pela sua localização estratigráfica e pela datação de radiocarbono, esta placa seria a usada pelo primeiro indivíduo a ser inumado no monumento (inunção directa ou primária, como todas as outras, aliás), o que justificaria, em função do *status* do inumado, as suas características únicas;
4. assim sendo, as particularidades da gravação não podem ser apenas interpretadas em função da «qualidade» ou da «precisão» da gravação, mas em função de um conjunto muito mais complexo de situações;
5. os motivos simbólicos não normalizados que a placa inclui na face (linha de sobrance-lhas, motivos escalariformes) ou no verso (particularmente o grande motivo radiante, que sai de um único ponto, central, da linha delimitadora Cabeça – Corpo) têm que ver com representações simbólicas mais nítidas que as encontradas nas placas normalizadas, com motivos dominantes tipo triângulo ou faixa ziguezagueante ou mesmo «tabuleiro de xadrez». Fogem assim à esmagadora maioria, constituída por motivos normalizados e de onde as referências figurativas estão quase sempre ausentes;
6. o facto de a placa ter sido gravada em ambos lados, situação que não é única, mas quase sempre reservada a exemplares excepcionais, ou eventualmente gravados em dois momentos distintos, reforça as características de excepção sublinhadas;
7. finalmente, a placa J.8-667 deve ler-se como um conjunto interligado de situações, onde a simbólica e a criatividade artística se associam à definição de *status* e o produto final traduz um complexo de referências a um subsistema mágico-religioso do qual, infelizmente, muito pouco conhecemos.



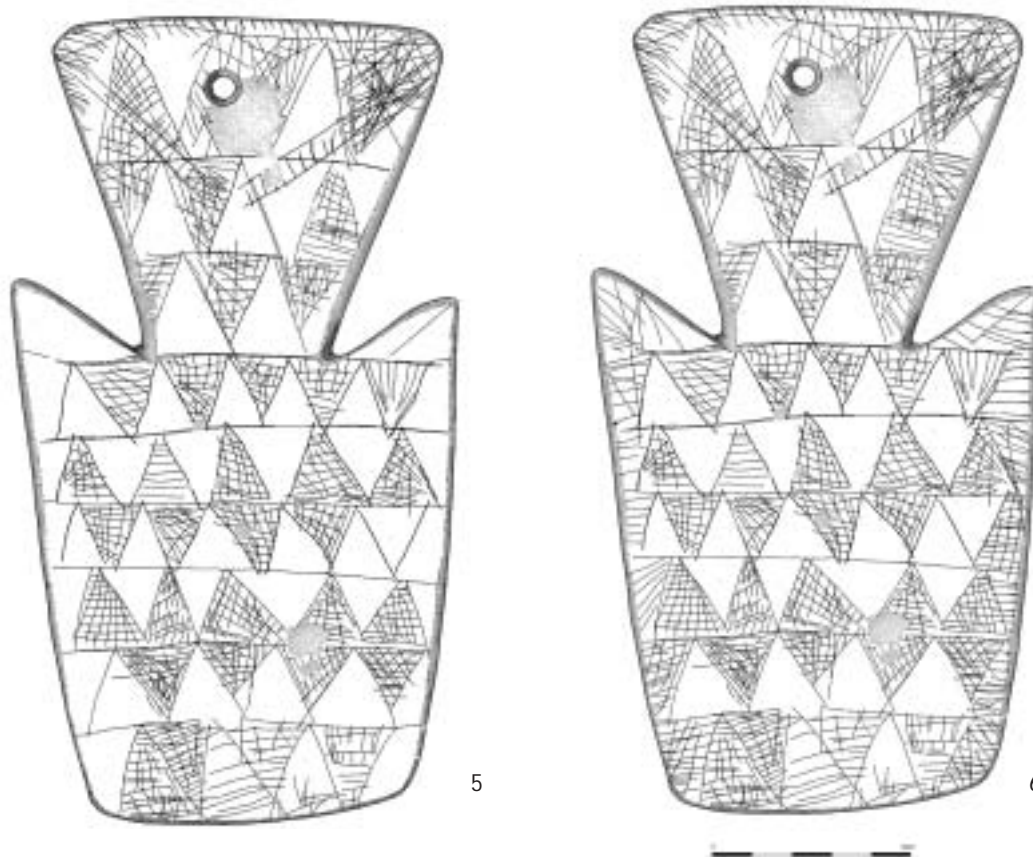


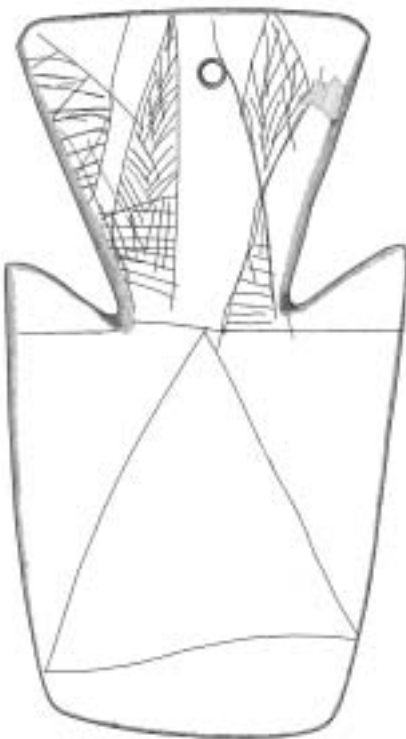
FIG. 92 – Placa J.8-667. Uma das sequências possíveis para a paginação e sequência de gravação da face da placa J.8-667.



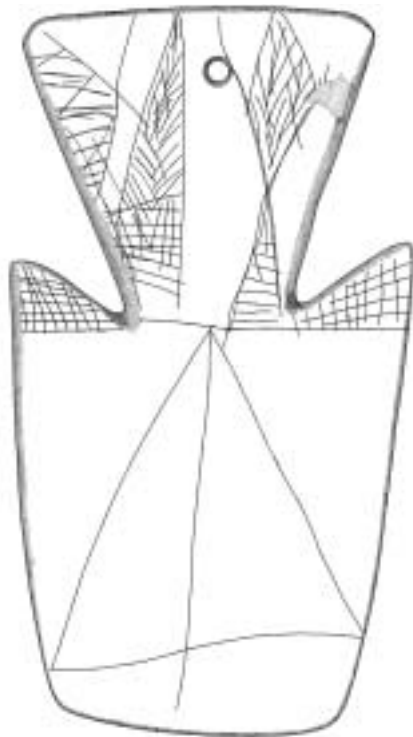
1



2



3



4

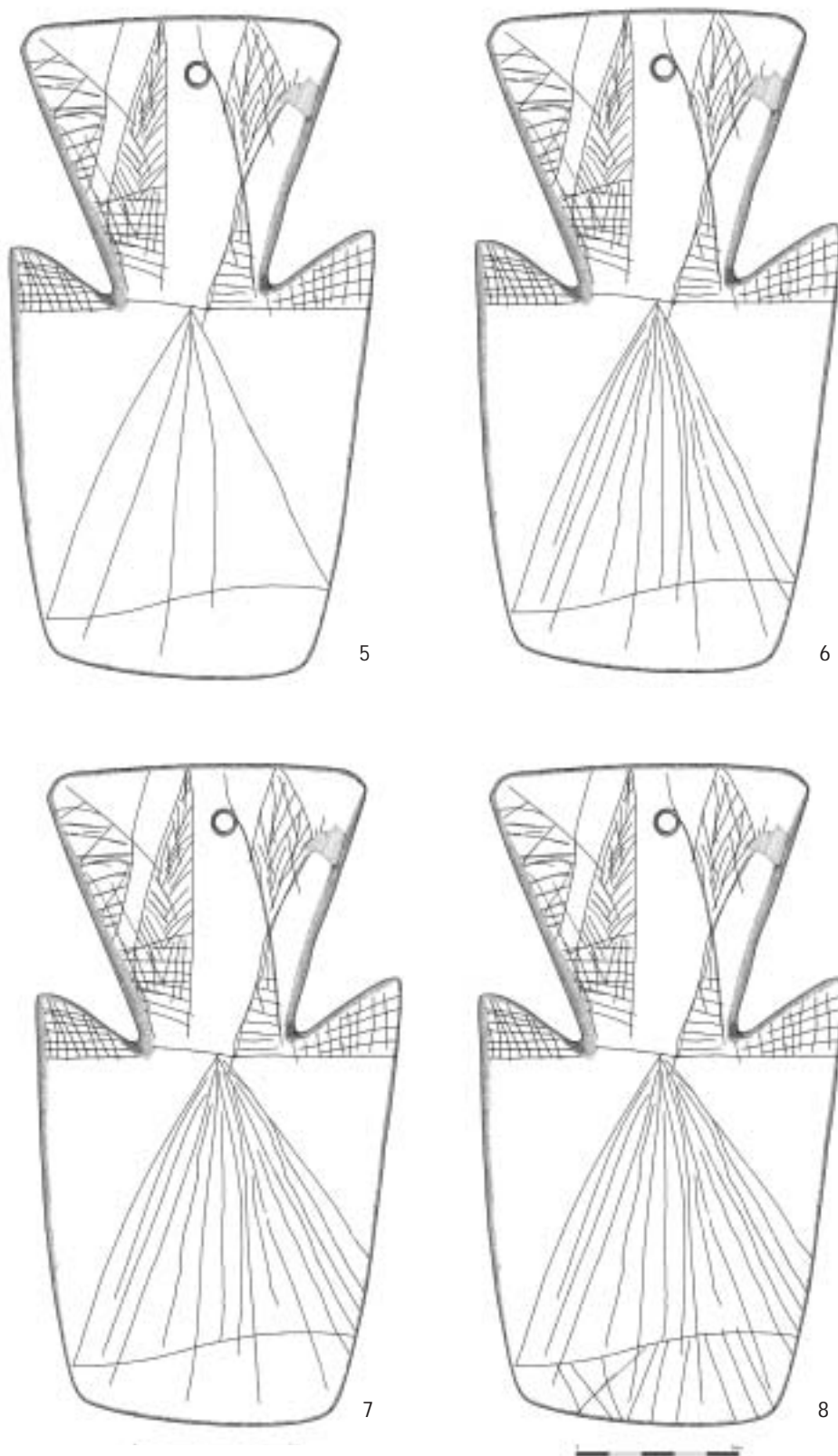


FIG. 93 – Placa J.8-667, verso. 1: paginação inicial de enquadramento. 2: traçado de uma linha vertical dividindo em dois o triângulo de enquadramento. 3: divisão dos espaços criados com dois novos traços radiantes. 4: por falha do traçado do último traço à direita, o espaço é excessivamente grande, pelo que se acrescenta outro traço. 5: dentro do campo do triângulo, são acrescentados mais traços. Devido à densa ocupação da parte superior do triângulo de enquadramento, estes traços partem de mais abaixo. 6: são acrescentados mais traços, agora já fora do campo definido pelo triângulo. 7: o efeito radiante é aumentado pela última vez, com o acrescento de novos traços abaixo da sua base.

6.2.1.6.5.13. A placa J.8-688 (+527+503+327+H.8-3) – Fig. 94:1. Fig. 129:2.

O topo e parte da área mesial de uma placa complexa, com uma única perfuração central.

- Altura da cabeça: 9,8 cm.
- Altura da banda separadora Cabeça – Corpo: 2,70 mm.
- Largura no topo: 6,8 cm.
- Espessura na área mesial: 4,00 mm.
- Ø da perfuração na face: 4,94 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,96 mm.

O motivo dominante do corpo parece ser constituído por triângulos muito altos e esguios, com o vértice para cima na banda 1 (as outras não são visíveis). O corpo é separado da cabeça por uma estreita banda lisa. A cabeça apresenta, no seu lado direito, quatro bandas encurvadas, finamente gravadas e preenchidas por oblíquas intersecantes, a que corresponderiam muito provavelmente outras tantas do lado esquerdo, mas devido à fragmentação da placa apenas uma é visível. Trata-se de uma das placas em que a área da cabeça é extraordinariamente alta em relação ao corpo (neste caso, pelo grau de fragmentação, apenas presumido). Recorda placas do *tholos* Farisoa 1b, das antas Passo 1 e, naturalmente, Olival da Pega 1.

6.2.1.6.5.14. A placa J.9-6 – Figs.94:2. Fig. 129:4.

Pequeno fragmento do lado direito de uma placa, que, pela sua dimensão, não justificaria comentário especial, se não fosse o facto de apresentar um pequeno triângulo vazio com o vértice para cima, ultrapassado pelo prolongamento dos lados do triângulo em alguns milímetros mais, produzindo o efeito de um X com a parte superior muito curta. A gravação do X referido foi feita com um traço de grande precisão, por duas linhas que se cruzam. O efeito final seria muito provavelmente o de dois triângulos unidos pelo vértice. Abaixo da banda contínua preenchida, que se estenderia provavelmente a todo o corpo da placa, não se observam traços de nenhum motivo decorativo que dela partisse. A meia altura do triângulo vazio, de um de outro lado, partem bandas preenchidas por oblíquas intersecantes, sendo a da esquerda menos alta (4,56 mm) que a da direita (5,60 mm).

6.2.1.6.5.15. A placa J.9-7 – Fig. 94:3. Fig. 129:1.

Fragmento da extremidade proximal esquerda de uma placa, com bandas ziguezagueantes, largas, preenchidas, sem campos verticais definidos. Reconhece-se a banda inferior.

- Espessura num ponto médio da base: 8,53 mm.
- Banda ziguezagueante com altura entre 11,29 e 8,05 mm.

Traços de polimento verticais nítidos, na face e no verso. Sinais de impactos antigos no centro do topo de fragmento e no bordo direito da fractura, devidos a um objecto pontiagudo, provavelmente uma pedra afiada, produzindo pontos de impacto regulares e negativos algo profundos.

Após análise das espessuras, afastou-se a possibilidade de se tratar de um fragmento da mesma placa que J.9-30.

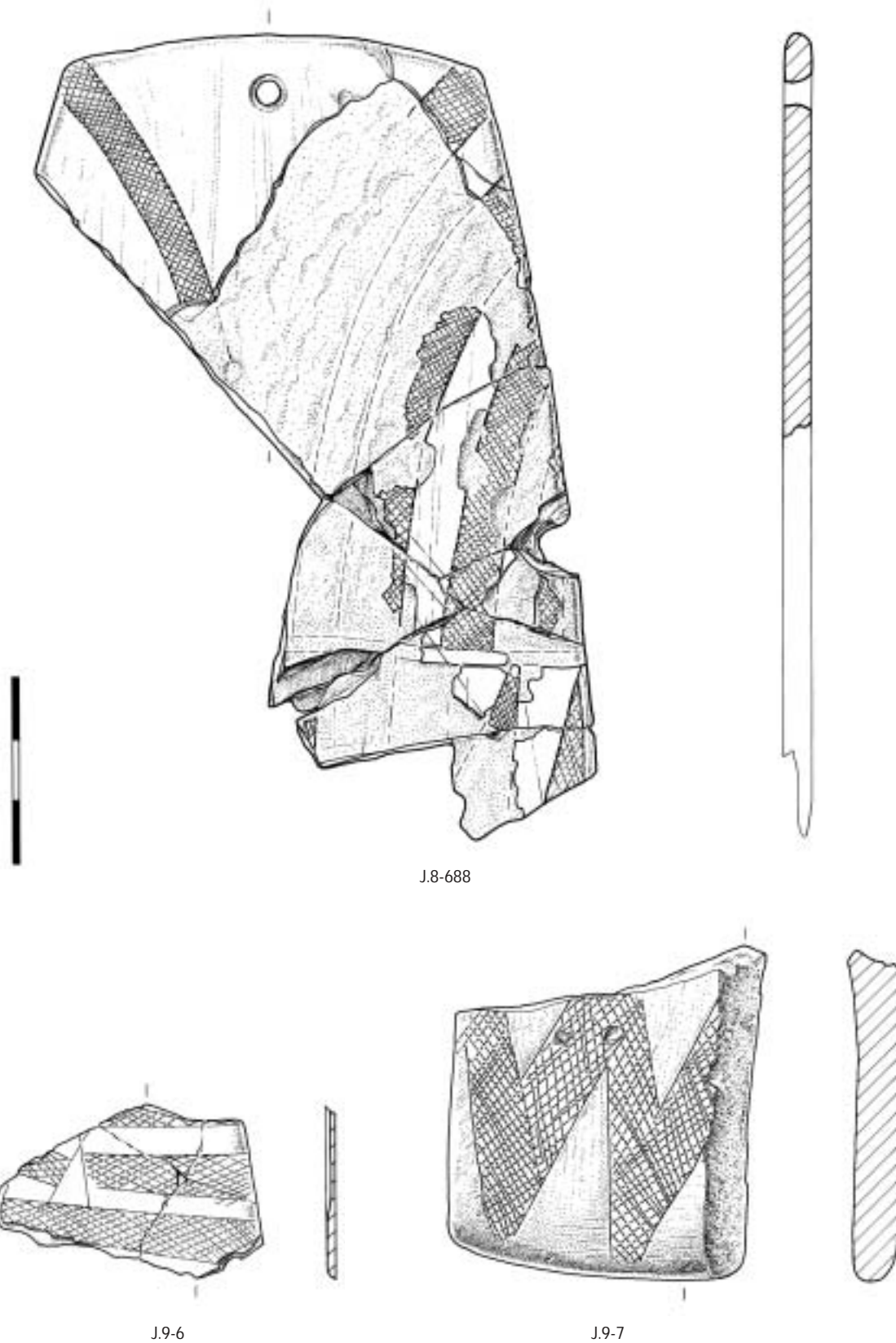


FIG. 94 – As placas J.8-688 (1); J.9-6 (2) e J.9-7 (3).

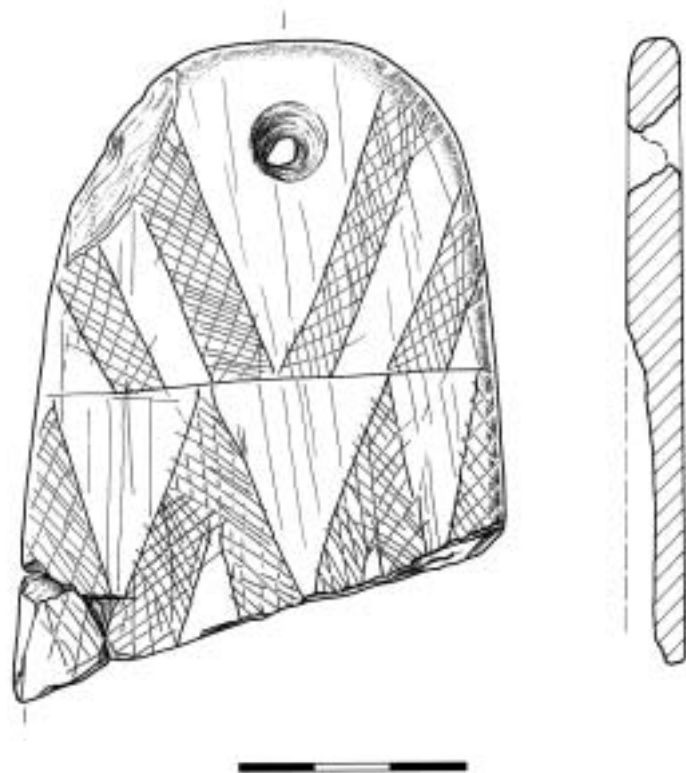
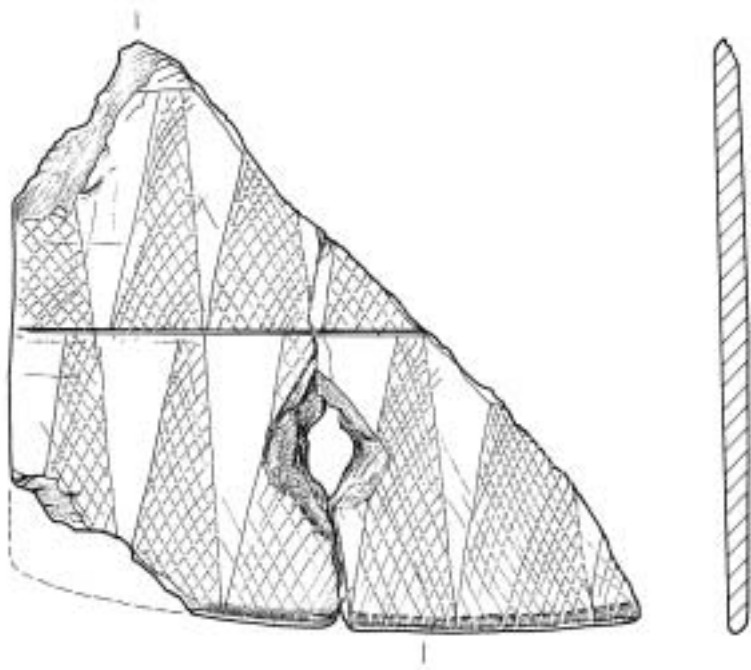


FIG. 95 – As placas J.9-8 e J.9-30, a primeira com traços de uma fracturação antiga.

6.2.1.6.5.16. A placa J.9-8 (+ H.10-1) – Fig. 95:1. Fig. 130:1.

Dois pequenos fragmentos com proveniências distintas, mas que não só pertencem à área proximal da mesma placa como colam entre si. Espessura actual: 3 mm (provavelmente metade da espessura original, uma vez que a placa fragmentou também no sentido da espessura). Na linha de fractura interna, traços de uma picaretada antiga. Triângulos preenchidos, com o vértice para cima, reconhecem-se duas bandas. No fragmento, conservam-se ainda parcialmente o bordo esquerdo e a base.

6.2.1.6.5.17. A placa J.9-30 – Fig. 95:2. Fig. 129:3.

Descrição

Topo e parte mesial de uma placa com dois pares de bandas preenchidas delimitando a cabeça, esta absolutamente triangular, e com uma única perfuração centrada, bicónica, feita no verso de forma incompleta e descentrada em relação à face. Corpo com faixas largas, ziguezagueantes, não compartimentadas, desenvolvendo-se em todo o campo da placa, de que só se vê a primeira, devido à fragmentação do exemplar. Trata-se, muito provavelmente, de uma placa reaproveitada.

- Altura da cabeça: 45,29 mm.
- Espessura medida em área conservando a dimensão original: 5,51 mm.
- Largura no topo: não mensurável, devido ao encurvamento pronunciado.
- Ø da perfuração na face: 8,34 mm.
- Ø da perfuração no verso: 8,52 mm.

Traços de preenchimento cortam claramente o traçado original da banda ziguezagueante vazia. Traços de polimento de orientação vertical. A banda ziguezagueante tem uma espessura média entre os 7,7 e os 7,06 mm, de acordo com o lugar da medida. Na cabeça, as bandas centrais têm também uma largura diferente, sendo a direita 5,87 mm e a da esquerda 7,89 mm. No verso, numerosos traços de polimento, verticais ou ligeiramente oblíquos. Sinais de intenso polimento no bordo direito da face.

Interpretação

Reaproveitamento de uma placa idêntica a I.9-22. Boleamento do bordo superior, produzindo o efeito arredondado típico de um cabo de báculo de extremidade não encurvada, polimento dos novos bordos direito e esquerdo.

6.2.1.6.5.18. A placa J.9-41 – Fig. 96:1. Fig. 130:1.

Placa com uma única perfuração, muito bem paginada.

- Altura máxima (ao centro): 12,17 cm.
- Altura da cabeça: 3,7 cm.
- Altura do corpo: 8,35 cm.
- Altura da Banda 1: 2,55.
- Bandas 2 e 3: 2,9.
- Largura no topo: 5,7 cm.
- Largura na base: 6,63.
- Espessura na área mesial: 5,68 mm.
- Ø da perfuração na face: 6,10 mm.
- Ø da perfuração no verso: 3,98 mm.

Cabeça com o motivo trapezoidal alongado que define «a cabeça dentro da cabeça», com duas largas bandas preenchidas ligeiramente oblíquas. Cabeça separada do corpo pelo fino traço de topo da primeira de três bandas largas cada uma com quatro triângulos preenchidos, de vértice para cima. Incisões de traço fino e firme, praticamente sem erros (o vértice dos triângulos centrais ultrapassa muito ligeiramente a linha delimitadora).

A placa está muito bem polida, de tal forma que, na face, os microvestígios de polimento são quase invisíveis. Os triângulos B₁T₂, B₁T₃, B₂T₂, B₂T₃, B₃T₃, apresentam todos, do seu lado esquerdo uma gravação descontínua, caracterizada por incisões com forma de micro-ungulações em sequência, pelo que o traçado não é completamente rectilíneo, mas parcialmente ondulante (Fig. 149:1 e 3). É curioso verificar que o mesmo não acontece em alguns outros triângulos, que são delimitados por um traço muito bem inciso e firme.

6.2.1.6.5.19. A placa J.9-96 (+J.9-36) – Fig. 96:2. Fig. 130:2.

Placa com o topo danificado, onde falta a área onde deveria ter eventualmente estado a perfuração central. Pelas dimensões e pela proporção altura-largura, pode ter sido uma placa reaproveitada, mas não é certo.

- Altura máxima (presumível, mas com forte probabilidade): 11,9 cm.
- Espessura na área mesial: 8,47 mm.
- Largura presumível na base: 9 cm, na área mesial 9,15.

Motivos da cabeça indefiníveis, se é que existiram. Corpo com traços ziguezagueantes compartimentados em campos verticais com uma altura média de 7,7 mm, podendo atingir valores levemente superiores, até aos 8,15 mm, delimitados por 3 linhas verticais incisivas, uma das quais centrada. Não se observaram traços do preenchimento, mas a superfície está muito danificada, com boleamento generalizado das arestas originais das gravações. São visíveis ondulações naturais derivadas do desgaste da superfície na face e, no verso, o mesmo grau de erosionamento não poupou sequer os traços de polimento, agora inexistentes na parte superior, mas ainda visíveis na inferior. Na face, verifica-se uma degradação com efeito em escama de toda a superfície, que afectou inclusivamente o próprio interior dos traços ziguezagueantes. A fractura correspondente a área onde eventualmente estaria a perfuração está também completamente boleada.

É curioso verificar as diferentes altimetrias registadas para o fragmento maior (J.9-96) e para o menor (quase um estilhaço), respectivamente: 205,24 e 204,83 m, isto é: 41 cm. Não observei diferenças sensíveis no grau de erosionamento das superfícies dos dois fragmentos, parecendo apenas bizarro que tenha sido o maior a subir e o menor a descer. Tudo parece assim indicar que a placa a que pertenceram estes dois fragmentos já estava com as superfícies muito afectadas quando foi fragmentada e altimetricamente separada. De qualquer forma, note-se que a diferença de altimetria entre o fragmento localizado a uma maior profundidade e J.8-667, a grande placa recortada recolhida intacta, é de apenas 4 cm, o que quer dizer que esta última teve realmente muita sorte (e nós com ela)...

A placa possui de origem os bordos direito e esquerdo, a base e parte muito reduzida do topo.

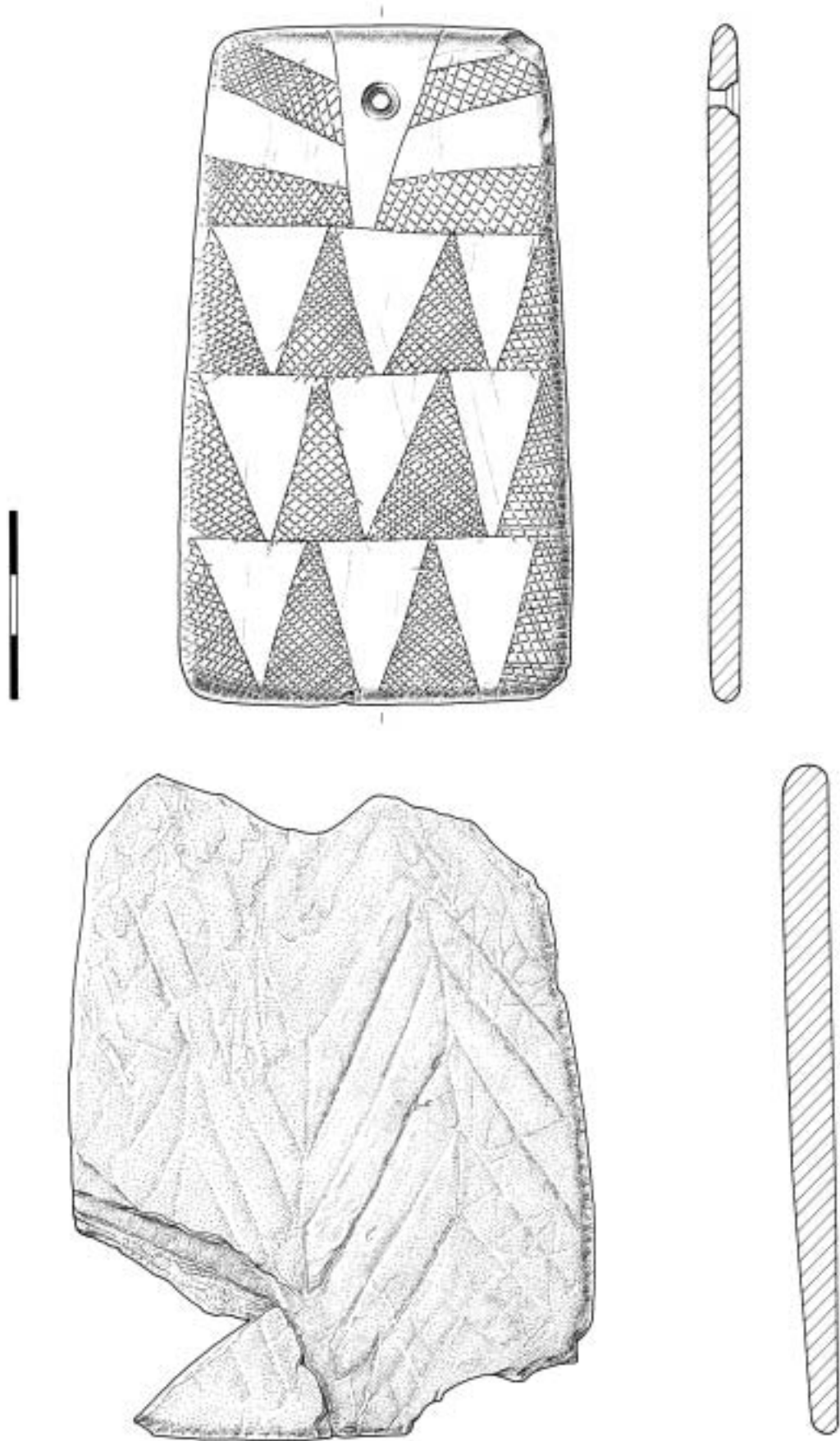


FIG. 96 – As placas J.9-41 e J.9-96.

6.2.1.6.5.20. Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara, descritas sumariamente

QUADRO 36

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
I.8	3	3D, 6?	T	3,90*	
I.8	5	2	o	2,90*	Muito erosionada. Perfuração troncocónica
I.8	7	o	F	1,48*	
I.8	12	o6	F	1,62*	Crivo
I.8	15	46	T	2,15*	+ J.8-84. Visíveis restos de três triângulos
I.8	30	o	T	4,02*	
I.8	41	o	F, T?	1,64*	
I.8	48	o	F, T?	2,88*	
I.8	49	o	F, T?	2,28*	Crivo. Sulcos bem nítidos, apesar do desgaste superficial
I.8	51	o	F, T?	0,97*	
I.8	61	o	F, T?	1,64*	Crivo
I.8	63	o	o	2,41*	+J.8-423
I.8	74	o	F, T?	0,81*	Crivo
I.8	80	o	T	0,74*	
I.8	96	o6	o	1,21*	Associado a Cm-3
I.8	115	o	o	1,49*	Transição Cm/Cr
I.8	124	o, 6?	T	1,04*	Crivo
I.8	125	o	o	1,08*	Crivo. Dois pequenos frags.
I.8	148	o	T	3,30	Mais 235. Similitudes com a placa I.8-119
I.8	166	o	F, T?	1,01*	
I.8	202	o, 6?	o	1,29*	Crivo
I.8	210	o	F, T?	1,13*	Crivo
I.8	233	3D, 6	T	5,51	São ainda visíveis sete triângulos alongados, de uma banda, e um único acima desta
I.8	227	o	o	0,69*	
I.8	262	o	o	3,16*	Muito erosionada
I.8	301	o	o	0,99*	
I.9	16	o	o	1,03*	
I.9	21	4D6	FZ	7,18	
I.9	26	o	o	1,03*	
J.8	11	o	o	1,80*	Verso
J.8	7	o6	o	1,72*	Crivo
J.8	27	o	o	2,93*	Dois frags., o maior com gravação irreconhecível. Quatro traços incisos com secção em V
J.8	38	3E6	T	1,64*	Crivo
J.8	50	o	F, T?	0,58*	Quatro frags.
J.8	81	o	F	0,65*	
J.8	88	o6	F	1,77*	Cerca de Cm-3
J.8	93	o	F, T?	0,50*	Crivo. Fragmento minúsculo: 4,87 x 4,15 mm
J.8	99	o	o	0,70*	Crivo
J.8	109	o6	F, T?	1,96*	Bordo
J.8	114	o	o	0,67*	
J.8	116	o, 6?	L	1,30*	Três traços incisos paralelos e prováveis restos de um quarto
J.8	119	o	o	1,37*	Cm-3

QUADRO 36 [Cont.]

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes da Câmara.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
J.8	176	46	T	2,04*	Fragmento bordo
J.8	212	3	T	0,98*	Triângulos alongados preenchidos da mesma forma que J.8-769 e outras
J.8	312	0	T	0,90*	Vê-se triângulo separado da banda superior, com preenchimento irregular
J.8	313	2	0	3,74	Bordo 2D?
J.8	388	2E6	0	2,81*	Separador Cabeça/Corpo constituído por uma banda vazia com a altura no bordo esquerdo de 5,28
J.8	404	0	0	0,89*	
J.8	409	0	T	1,63*	Superfície muito destruída
J.8	413	0	0	0,68*	Os fragmentos apresentam sulcos, no mais pequeno talvez traço de uma banda preenchida
J.8	414	0	0	2,37*	Sete traços incisos paralelos
J.8	440	06	0	2,11*	Bordo
J.8	446	0	T	1,00*	Triângulos invulgarmente pequenos, que poderiam fazer parte de um separador da placa. O triângulo melhor conservado mede 9,04 mm de altura
J.8	458	0	F, T?	0,85*	
J.8	507	0	0	2,39*	
J.8	513	0	F, T?	1,21*	Crivo
J.8	525	3	T	1,23*	Triângulos muito alongados. Cola com I.8-130
J.8	528	0	0	11,6*	É mesmo duvidoso que se trate do frag. de uma placa de xisto gravada
J.8	537	0	F	0,63*	Crivo. Banda vazia adossada a duas aparentemente preenchidas
J.8	568	0	0	1,39*	
J.8	608	2D	T	1,02*	
J.8	632	06	0	1,29*	
J.8	635	0	T	1,10*	Seis frags. São identificáveis parte de duas bandas com triângulos alongados
J.8	658	0	F, T?	2,39	Crivo. motivo dominante: F.T?
J.8	691	0	F?	2,14*	+J.8-36. Dois frags. colados
J.8	767	0	0	0,79*	
J.8	769	46	T	1,21*	Gravação pouco comum dos triângulos, semelhante a casos já referidos
J.9	11	0	0	3,05*	
J.9	15	0	F.T?	0,88*	
J.9	17	06	0	1,03*	
J.9	21	0	F.T?	0,99*	
J.9	22	0	0	0,86*	
J.9	48	06	0	1,40*	Bordo
J.9	49	0, 6?	0	3,72*	
J.9	52	0	F.T?	0,61*	Crivo
J.9	61	0	0	1,35*	Crivo
J.9	63	0	0	1,10*	
J.9	65	06	F.T.?	1,53*	Crivo. Traços incisos paralelos. Sete fragmentos
J.9	77	0	F.T.?	1,55*	
J.9	78	2E6?	F.T.?	2,88*	Trata-se provavelmente de um topo eº, mas não é seguro
J.9	87	0	F.T.?	0,77*	Alvéolo junto a ECM-5
J.9	102	0	0	0,97*	Alvéolo junto a ECM-5 Crivo. Três sulcos paralelos
J.9	124	0	F.T.?	2,68*	
J.9	126	0	0	1,28*	

- I.8-3: Apesar da reduzida dimensão do fragmento, conservam-se em dois dos triângulos particularidades de incisão algo similares às detectadas na placa J.8-41.
- I.8-30: apenas dois fragmentos de triângulo, correspondendo a duas filas diferenciadas. As superfícies estão muito escamadas, tendo sido literalmente raspadas, inclusivamente as próprias inclusões de biotite foram arrancadas, sobrevivendo apenas escasas ocorrências de quartzo hialino e só junto ao triângulo melhor conservado.
- I.8-48: devido ao grau de destruição da superfície, observam-se com nitidez os sulcos orientados numa única direcção, mas os que os deviam cortar estão quase imperceptíveis.
- I.8-233: a banda melhor visível tem sete triângulos alongados fina e pouco profundamente gravados. Na banda superior, observa-se apenas um, à esquerda, que pode mesmo eventualmente representar uma delimitação periférica da Cabeça, cujo motivo central estaria completamente destruído. De qualquer forma, o triângulo visível nesta banda superior, contrariamente aos outros, parece quase um triângulo equilátero. Na banda abaixo da melhor conservada, vê-se apenas o vértice de um triângulo, aparentemente também muito alongado. Dois possíveis vértices de triângulo foram também detectados, apesar de se encontrarem muito destruídos.
- J.8-17: distinguem-se cinco sulcos, não sendo certo que eles pertençam a uma qualquer decoração original da placa.
- J.8-81: distinguem-se uma banda preenchida por oblíquas intersecantes e uma outra, lisa, separada da primeira, para a qual é possível admitir a existência de oblíquas intersecantes, actualmente muito destruídas pelo desgaste superficial. Cortando verticalmente as três bandas, distinguem-se numerosos traços de agressões pós-deposicionais, dos quais doze estão bem visíveis. São claramente posteriores à gravação da placa, uma vez que se alguns cortam os sulcos horizontais das bandas, e têm um percurso completamente rectilíneo, outros interrompem-se devido à resistência oferecida pelo sulco existente, prosseguindo depois. Observando o fundo do sulco definidor dos limites da banda, regista-se ainda a clara superficialidade destes traços, que em caso algum atingem o percurso interior dos sulcos. A única situação que poderia sugerir o contrário deve-se ao facto de provavelmente o impacto ter deslocado uma inclusão de quartzo e biotite. É portanto uma perda de massa produzindo o efeito de uma micro-cratera e não um sulco mais profundo.
- J.8-88: não é impossível tratar-se de um fragmento do topo direito da placa, ainda que os dados não sejam concludentes. Na face, notam-se numerosos negativos, que podem corresponder a micro impactos ou à perda de inclusões de biotite, por exemplo, mas a irregularidade da sua distribuição e as diferentes dimensões parece indicarem como preferível a primeira hipótese. Se se tratar realmente do topo direito de uma placa, o motivo dominante reconhecível seria o das bandas que rodeiam o triângulo ou trapézio da Cabeça da placa.
- J.8-312: vê-se a parte inferior e a parte superior de duas bandas com triângulos alongados, separadas por um sulco não horizontal. O sulco foi gravado antes dos triângulos, cujos traços da base e do topo entram dentro do sulco separador. O preenchimento dos triângulos não é feito no triângulo inferior da forma clássica, oblíquas rectilíneas intersecantes, mas com pequenos movimentos de impressão, provocando um efeito similar ao de uma impressão de unhas. No entanto, este efeito visualmente muito diferenciado da imagem clássica dos triângulos preenchidos, é talvez exagerado pelo tipo de desgaste que o xisto sofreu nas superfícies assim gravadas. Os triângulos lisos, à direita e à esquerda do triângulo da banda inferior estão, porém, muito bem poli-

dos e as superfícies são muito regulares. Os triângulos da banda superior apresentam um grau de erosão muito acentuado, o que permite supor tratar-se de um campo alto, com traços oblíquos, separado por uma superfície destacada e vertical, com o aspecto de uma bainha de espada. Esta área da parte superior da placa apresenta alguns restos de sulcos oblíquos, mas francamente poucos: apenas três. Não se avança qualquer interpretação para este caso, mas sublinha-se que à direita de esta área os sulcos oblíquos que convergem, de cima para baixo e da direita para a esquerda, são mais profundos e largos que os traços intersecantes gravados no campo que eles definem.

- J8-388: observam-se restos de duas faixas do lado esquerdo da Cabeça da placa, separadas por faixas vazias e um triângulo periférico adossado ao separador Cabeça/Corpo, que neste caso deve e ter sido constituído por uma faixa vazia. A perda de massa no corpo da placa impede a identificação do motivo dominante.
- J.8-528: devido ao elevado grau de destruição das superfícies, seria possível supor tratar-se não de uma placa, mas de um esboço de placa. As superfícies apresentam-se não apenas muito desgastadas, mas com considerável perda de massa, expondo as numerosas micro-inclusões de biotite. No entanto, observando a placa em parâmetros de grande ampliação, surgem evidentes restos de traços, nas áreas mais elevadas da face, que podem ter correspondido às partes mais profundas das incisões. Numa das faces, uma vez que é impossível determinar qual a face qual o verso, é distinguível o que pode ser eventualmente um motivo: parte de um triângulo alongado ou mais propriamente um conjunto de incisões convergindo para um único ponto. Não é seguro que se encontre ainda na peça um resto de bordo, uma vez que o forte desgaste impede tal opção.
- J.8-608: visível ainda parte de duas faixas oblíquas da cabeça, de cima para baixo e da direita para a esquerda, e um triângulo da primeira banda do corpo. Visível separação por traço fino e um triângulo de vértice para cima.
- J.9-22: reconhece-se uma banda vazia de onde parte um motivo triangular muito alongado que contem dois traços verticais. É provável que o traço delimitador do triângulo à esquerda não seja o original, pelo que se poderia tratar de um triângulo com três traços incisos no interior. Há restos de uma faixa ou triângulo e de um conjunto de quatro traços convergindo e formando um motivo inidentificável.
- J.9-49: quatro traços gravados, um dos quais de um terço do comprimento das restantes, foram claramente produzidos após a fragmentação da placa, prolongando-se o seu traçado em três planos de fractura.

6.2.1.6.6. *Placas do Tumulus*

(sete registos, correspondendo a uma identificação firme, mas associável, por colagem, a uma placa da Câmara, J.9-8)

6.2.1.6.6.1. *A placa H.10-1*

Ver supra J.9-8, Câmara.

6.2.1.6.6.2. *Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do Tumulus, descritas sumariamente*

QUADRO 37

Placas muito fragmentadas, e pequenos fragmentos de placa, provenientes do *Tumulus*.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
G.10	1	o6	o	3,32*	Revolvimento. Bordo
J.10	1	o	o	2,46*	Superfície
J.9	2	o6	o	2,15*	
J.9	5	o6	o	2,57*	
J.9	9	o	o	—	Ver Corredor. Diversos micro-fragmentos, não ultrapassando um deles 3,06 x 2,08 mm. Considerou-se inútil ler a espessura, considerado o grau de fragmentação.
K.8	3	o6	o	2,24*	Revolvimento
K.8	4	o6	o	3,27*	
M.8	1	o6	o	3,15*	
M.9	1	o6	o	1,71*	Superfície

- M.9-1: No fragmento, são visíveis dois traços finos, paralelos, no sentido transversal da placa. No bordo, são visíveis traços entrecruzados, que podem constituir o resto de um triângulo ou de uma bordadura gravada com oblíquas intersecantes.

6.2.1.6.6.3. Recolhas de superfície

QUADRO 38

Fragmentos de placa recolhidos à superfície.

Qd	n.º	Est	Md	Esp	Observações
SUP12	7	o6	o	2,48*	
SUP13	13	o6	o	3,31*	Bordo. A placa está partida com ausência do que presumivelmente seria a face gravada. O verso apresenta intensos sinais de polimento.
SUP	12	o	o	2,10*	

6.2.2. Objectos: I.8-290, uma «pedra-almofada»?

- I.8-290 (Fig. III), um seixo de lidito recolhido quase no fundo de ECm-7, protegido pela forte inclinação do esteio, foi interpretado como uma «pedra-almofada», conceito usado na monografia em curso de preparação sobre o complexo megalítico do Olival da Pega. No *tholos* OP-2b, identificaram-se várias «pedras almofada», pedras geralmente com polimento de rio ou duvidoso afeiçoamento, que deveriam ter sido colocadas sob a nuca dos cadáveres, uma vez que todas foram recolhidas sob os crânios e na posição que corresponderia a essa localização.

I.8-290 é proveniente de uma área de STAM-3 compatível com a localização da cabeça de um cadáver, apesar de não estar associada especificamente a qualquer resto de crânio. De onde a interrogação que se associa à sua classificação.

6.3. Ritos funerários

Na Câmara do monumento, foi identificado, junto ao esteio de cabeceira (ECm-4), o que se interpretou como um ritual de fundação, consistindo na deposição, numa fossa escavada no granito, de cinco vasos cerâmicos associados a matéria orgânica não identificada (certamente animal, humana ou não).

Também na Câmara, foram identificados ritos funerários específicos, alguns correspondendo a parte dos 28 indivíduos identificados, 12 adultos e 16 subadultos.

Na primeira fase do monumento, em inícios do III milénio, a grande placa recortada da deposição funerária Cm-7 encontrava-se logo abaixo da mandíbula e de fragmentos de um crânio, com algumas falanges da mão associadas, indicando que se encontraria efectivamente ao pescoço do morto. Na fase de reutilização, no último quartel do III milénio, a deposição funerária Cm-3 configura uma situação excepcionalmente bem definida: uma mulher de 40-45 anos foi depositada com um vaso perto de si, três fragmentos de quartzo branco (um dos quais na boca), depositada sobre um cão jovem, com cerca de 18 meses de vida, de porte médio. Junto às patas do cão, encontrava-se um pequeno vaso globular. Pelo desgaste dentário e pelas específicas deformações das mãos da mulher, admite-se estarmos perante uma cesteira. As deposições funerárias Cm-2, Cm-3 e Cm-4, bem como o próprio cão, foram datadas pelo radiocarbono da mesma época, os últimos séculos do III milénio. No Corredor, registaram-se traços de três deposições funerárias, muito afectadas por fenómenos pós-deposicionais, todas correspondendo, de acordo com a análise arqueológica, à primeira fase de uso do monumento.

6.3.1. Restos antropológicos

O monumento revelou restos humanos de dois tipos: isolados ou em articulação *in situ* integrando deposições funerárias reconhecidas como tal, todos referentes a inumações primárias.

O cálculo do número mínimo de indivíduos foi efectuado de acordo com duas metodologias distintas: os ossos longos e os dentes. A análise dos primeiros revelou um número mínimo de 25 indivíduos (15 adultos, 10 subadultos. Já a estimativa efectuada a partir dos dentes recolhidos indicou a presença de um número maior de indivíduos, 28 (12 adultos, 16 subadultos (entre os 0/6 meses e os 15 anos de idade).

De todas estas deposições funerárias, apenas três pertencem indiscutivelmente à segunda fase de utilização do monumento, sendo as restantes atribuíveis à primeira fase, ou seja, indubitavelmente associada à construção e uso de um monumento funerário de origem, planeado como colectivo.

O estudo do conjunto tornou evidente o carácter não selectivo destas manifestações funerárias, concluído pela presença de homens e mulheres de todos os grupos etários.

O estudo dos padrões de microestriação dentária apontou para a existência de um tipo de alimentação com componentes pouco abrasivos, diferente do habitual em sociedades com consumos elevados de cereais.

A nível da paleopatologia, identificaram-se diversos casos de artrose, nas falanges das mãos e pés e em duas vértebras cervicais, entesopatias, tanto em falanges dos pés como das mãos, num cúbito e num úmero, para além de uma fractura (remodelada) de primeiro dedo de um pé direito. Todas estas manifestações patológicas podem ser consideradas vulgares.

Os dentes revelaram uma das mais altas frequências de cárie para o período em questão - 8,2% (14/170 dentes definitivos). Referência ainda para a detecção de algumas perdas de dentes ante morte e dois abscessos. As hipoplasias lineares do esmalte dentário eram escassas.

A leitura da distribuição dos restos antropológicos e da sua localização específica deixa concluir algumas poucas informações sobre os ritos funerários praticados durante as duas fases de uso de STAM-3:

- 1.ª fase: colocação dos indivíduos mortos directamente no monumento, não sendo possível concluir sobre qual posição ocupavam de origem. No caso da deposição funerária Cm-7, o indivíduo estava deitado possivelmente sobre as costas, o que se deduz a partir da conservação da grande placa recortada no lugar que corresponderia ao peito. A disposição da mandíbula, das falanges da mão e dos escassos ossos recolhidos indica que ocuparia provavelmente o centro do monumento.
- 2.ª fase: deposição directa dos indivíduos junto às faces interiores dos esteios da Câmara, deitados sobre o lado esquerdo, com uma das mãos junto à face, joelhos flectidos.

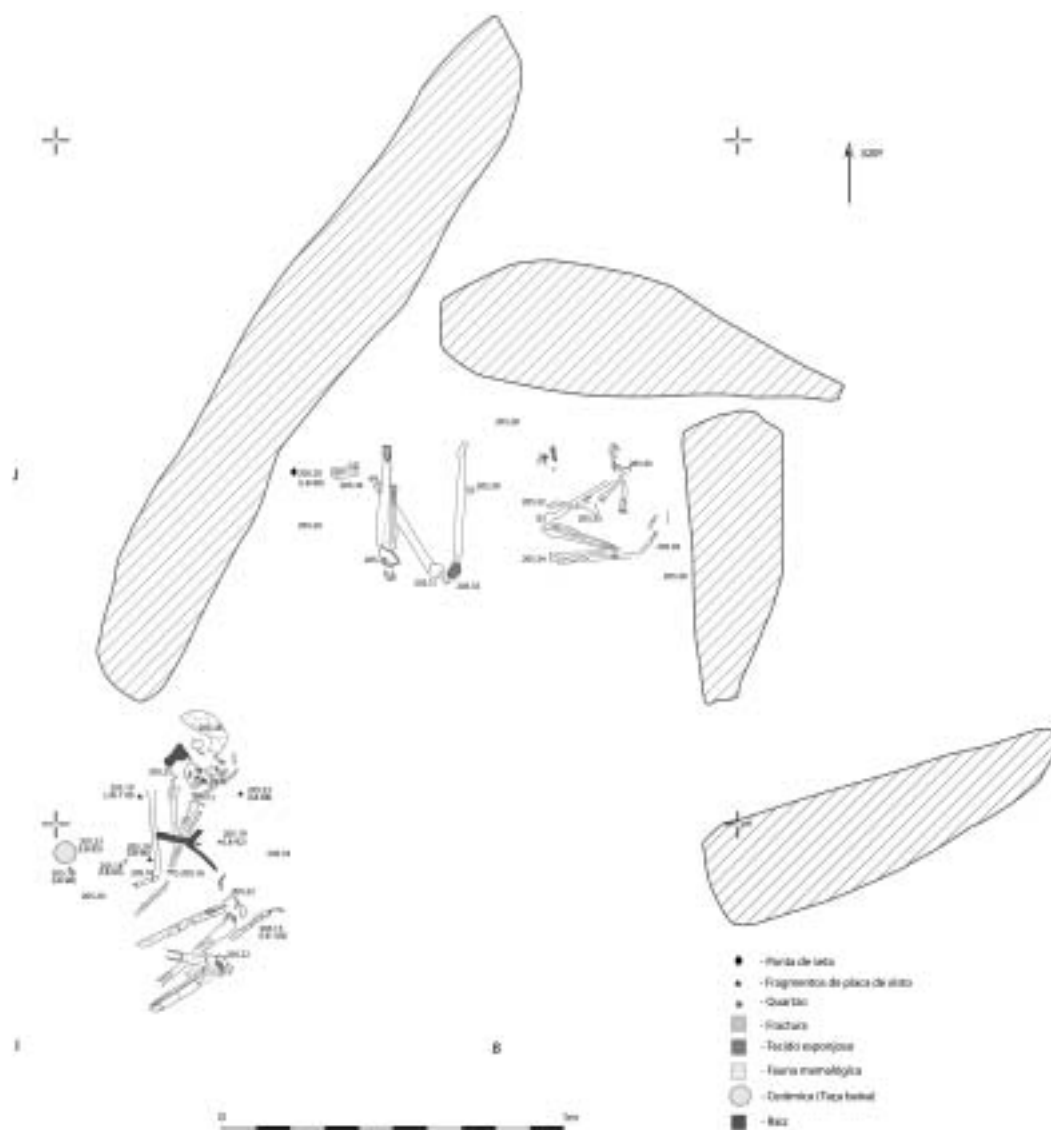


FIG. 97 – Enterramentos Cm-2 e Cm-3, na Câmara de STAM-3. Nota-se a posição cerca do esteio de cabeceira do esqueleto masculino, enquanto a mulher é depositada lateralmente na Câmara do monumento, traduzindo provavelmente novas situações sociais e de tratamento do género em fins do III milénio.

6.3.2. Restos de animais

À excepção do *Canis familiaris* depositado, todos os restos de animais que Marta Moreno identificou dizem naturalmente respeito a pequenos animais que morreram naturalmente no bio-espço da anta ou para ela foram arrastados por predadores. Portanto, não traduzindo a sua presença qualquer acção antrópica.

No entanto, deve ser registado o número relativamente baixo de indivíduos identificados: cinco coelhos, um fragmento de dente de ovicaprino e outro de suídeo, restos fragmentários de dois roedores, um anfíbio e três répteis. Para uma área onde os abrigos rochosos existem, mas não são excessivamente numerosos, é efectivamente um número baixo (só de uma das antas da área actualmente submersa pela Barragem de Alvito recolhemos cinco cobras vivas e monumentos como Piornal 2 encontravam-se cheios de coelhos). Talvez a cobertura da Câmara da anta pudesse ter servido de rolha pétreo durante um certo tempo, mas, com a sua remoção, todo o contexto poderia ter sido diferente. O que, manifestamente, não aconteceu.

6.3.3. Traços de fogos rituais

Infelizmente, ao contrário do que aconteceu em STAM-2, não existem elementos seguros que permitam defender com um elevado grau de probabilidade a existência de fogos rituais em STAM-3, associados quer às deposições funerárias da primeira fase ou da segunda. Tomada em conta a datação Beta-167208, só poderíamos considerar os restos de combustão identificados como realmente antigos se os datássemos pelo radiocarbono, o que seria financeiramente impossível no âmbito de este projecto.

No entanto, existem no monumento provas indiscutíveis de fogos que agiram como despoletadores de fenómenos pós-deposicionais. Algumas cerâmicas apresentam nas fracturas sinais de terem sido submetidas a fogos intensos e a sua localização parece indiciar tratar-se de fenómenos anteriores às violações medievais.

Mais complexa é a situação que se verifica com o pequeno esferoidal globular I.8-II4, associado ao cão. A presença de enxofre no seu interior poderá ser atribuída a um acto ritual verificado aquando da deposição do cão, relacionado eventualmente com um fogo de características especiais, ardendo a partir do interior daquela oferenda votiva.

Uma última observação acerca de fogos rituais poderia ser feita a propósito do estado do esqueleto correspondendo a Cm-3, «Marta» e ao próprio cão, «E.T.». A desapareção da parte central de ambos poderia eventualmente traduzir a deposição de uma substância corrosiva ou de um fogo muito localizado, este último do género do identificado na anta da Bola da Cera, Marvão, neste caso um conjunto cronologicamente muito próximo de este. Mas a verdade é que se não identificaram quaisquer traços outros que os da desapareção dos ossos correspondentes.

Não é assim possível falarmos de um fogo ritual significando uma cremação parcial localizada para Cm-3, ainda que o caso do cão seja diferente. E o conceito de *fogo* e *luz* são, num ambiente fechado como o de um monumento megalítico, coincidentes.